



DÍVIDA DE SANGUE

CHARLAINE HARRIS

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

VOLUMES PUBLICADOS NESTA SÉRIE:

Sangue Fresco
Dívida de Sangue

PRÓXIMO VOLUME A PUBLICAR:

O Clube da Noite

*Este livro é dedicado a todos os que
me disseram ter gostado de Sangue Fresco.
Obrigada pelo encorajamento.*

A minha gratidão a Patsy Asher da Remember the Alibi em San Antonio, Texas; Chloe Green de Dallas; e à muito prestável amiga virtual DorothyL, que respondeu a todas as minhas questões com prontidão e entusiasmo. Tenho a melhor profissão do mundo.



1

Andy Bellefleur estava bêbado como um cacho. E não era normal. Podem acreditar em mim. Conheço todos os bêbados de Bon Temps. Depois de trabalhar durante vários anos no bar de Sam Merlotte, aprendi a conhecê-los a todos. Mas Andy Bellefleur, filho da cidade e detective no pequeno departamento de polícia local, nunca se embebedara antes no *Merlotte's*. Sentia-me muito curiosa para saber porque seria aquela noite uma exceção.

Não diria que éramos amigos, nem com muito boa vontade, e, por isso, não lhe poderia perguntar directamente. Mas tinha outros meios ao meu dispor e decidi usá-los. Apesar de tentar limitar o uso da minha deficiência, dom ou o que preferirem chamar-lhe, à descoberta de coisas que possam influenciar-me a mim ou aos meus, por vezes é difícil contrariar a curiosidade pura.

Baixei as defesas e li a mente de Andy. Arrependi-me.

Andy tivera de prender um homem por rapto. Alguém que levara uma vizinha de dez anos para a floresta e a violara. A rapariga estava hospitalizada e o homem estava preso, mas os estragos eram irreparáveis. Senti-me triste e destroçada. Era um crime demasiado próximo do meu passado. Fiquei a gostar um pouco mais de Andy por estar deprimido.

— Andy Bellefleur, dá-me as chaves — disse-lhe. A sua face larga ergueu-se para mim, mostrando muito pouca compreensão. Após uma

longa pausa, durante a qual a minha intenção permeava o seu cérebro entorpecido, levou a mão ao bolso das calças e passou-me um porta-chaves pesado. Servi-lhe outro uísque com *Cola*. — Pago eu — expliquei, dirigindo-me para o telefone ao fundo do bar para ligar a Portia, a sua irmã. Os irmãos Bellefleur viviam numa grande casa branca em decadência que já existia antes da guerra e que, outrora, fora muito vistosa. Situava-se na rua mais bonita da zona mais aprazível de Bon Temps. Em Magnolia Creek Road, todas as casas se voltavam para o parque atravessado pelo regato coberto aqui e ali por pontes pedonais decorativas. Havia estradas de ambos os lados. Restavam poucas casas antigas, mas todas se encontravam em melhor estado de conservação do que Belle Rive, a casa dos Bellefleur. A manutenção de Belle Rive era demasiado cara para ser suportada por Portia, uma advogada, e por Andy, um polícia, pois as reservas de dinheiro para sustentar tal residência e o terreno circundante há muito haviam desaparecido. Mas a avó, Caroline, recusava teimosamente a venda.

Portia atendeu ao segundo toque.

— Portia, fala Sookie Stackhouse — disse, precisando de erguer a voz sobre o ruído ambiente do bar.

— Suponho que estejas no trabalho.

— Sim. O Andy está aqui com o grão na asa. Fiquei-lhe com as chaves. Podes vir buscá-lo?

— O Andy bebeu demais? Não é habitual. Claro. Estarei aí dentro de dez minutos — prometeu, desligando.

— És um doce de rapariga, Sookie — exclamou Andy subitamente.

Terminara a bebida que lhe servi. Levei o copo e esperei que não pedisse mais.

— Obrigada, Andy — disse-lhe. — Tu também não és mau tipo.

— Onde está... namorado?

— Aqui mesmo — respondeu uma voz fria e Bill Compton surgiu atrás dele. Sorri-lhe sobre a cabeça caída de Andy. Bill media cerca de um metro e setenta e cinco, com cabelo e olhos castanho-escuros. Tinha os ombros largos e braços musculados de um homem que fizera trabalho braçal durante anos. Trabalhara na quinta do seu pai e, depois, na sua, antes de prestar serviço na guerra. Na Guerra Civil, claro.

— Olá, V.B.! — gritou Micah, o marido de Charlise Tooten. Bill ergueu casualmente a mão para retribuir o cumprimento e Jason, o meu irmão, disse-lhe «Boa noite, Vampiro Bill» de forma perfeitemen-

te educada. Jason não acolhera de bom grado Bill no nosso pequeno círculo familiar, mas voltara a página. Eu sustinha a respiração, esperando para ver se a sua atitude melhorada seria permanente.

— És porreiro para sanguessuga, Bill — disse Andy, com prudência, voltando-se sobre o banco para o olhar. Reavaliei o seu estado de embriaguez, já que nunca antes se mostrara entusiástico acerca da integração dos vampiros na sociedade americana.

— Obrigado — tornou Bill, secamente. — E tu não és mau para um Bellefleur. — Inclinou-se sobre o balcão para me beijar. Os seus lábios eram tão frios como a sua voz. Exigiam alguma habituação. O mesmo se passava quando lhe deitava a cabeça sobre o peito e não ouvia um batimento cardíaco. — Boa noite, querida — disse em voz baixa. Fiz deslizar um copo de B negativo sintético desenvolvido pelos japoneses e ele esvaziou-o, lambendo os lábios. Pareceu mais rosado quase de imediato.

— Como correu a reunião, querido? — perguntei-lhe. Bill passara a maior parte da noite em Shreveport.

— Conto-te depois.

Esprei que a sua história de trabalho fosse menos perturbadora do que a de Andy.

— Está bem. Podes ajudar a Portia a levar o Andy até ao carro? Aí vem ela — disse, indicando a porta com a cabeça.

Para variar, Portia não vestia a saia, blusa, meias e saltos baixos que constituíam a sua indumentária de trabalho. Mudara para calças de ganga azuis e para uma velha camisola da Faculdade Sophie Newcomb. A sua compleição era tão sólida como a do irmão, mas tinha cabelo longo e castanho. Mantê-lo meticulosamente cuidado era o único sinal de que Portia ainda não tinha desistido. Atravessou a clientela ruidosa parecendo determinada.

— Está encharcado, realmente — disse, avaliando o irmão. Tentava ignorar Bill, que a deixava muito inquieta. — Não acontece com frequência, mas, quando se presta a isso, faz um bom trabalho.

— Portia, o Bill pode levá-lo até ao carro — disse. Andy era mais alto do que Portia e mais pesado. Seria claramente um fardo além das capacidades da irmã.

— Acho que serei capaz — disse-me, com firmeza, continuando sem olhar para Bill. Vi-o erguer-me as sobrancelhas.

Observei-a enquanto rodeava o irmão com um braço e tentava içá-lo do banco. Andy manteve-se imóvel. Portia olhou em redor, pro-

curando Sam Merlotte, o proprietário, que era pequeno e franzino de aparência, mas muito forte.

— O Sam está a trabalhar no bar do clube — disse-lhe. — Deixa o Bill ajudar.

— Está bem — replicou a advogada, com rigidez, mantendo os olhos na madeira polida do balcão. — Muito obrigada.

Bill levou segundos a erguer Andy e a levá-lo até à porta, apesar de as pernas do polícia cederem pelo caminho. Micah Tooten ergueu-se para abrir a porta e Bill conseguiu levar Andy até ao parque de estacionamento.

— Obrigada, Sookie — disse Portia. — A conta está paga? Acenei afirmativamente.

— Muito bem — disse, com uma ligeira palmada sobre o balcão para indicar que partia. Teve de ouvir um coro de conselhos bem-intencionados enquanto seguia Bill pela porta dianteira do *Merlotte's*.

Foi por isso que o velho *Buick* do detective Andy Bellefleur passou toda a noite e parte do dia seguinte no parque de estacionamento do bar. Andy juraria mais tarde que o *Buick* estava vazio quando saíra para se dirigir ao bar. E também testemunharia ter-se sentido de tal forma perturbado que se esquecera de trancar as portas.

Nalgum ponto entre as oito da noite, quando Andy chegara ao *Merlotte's*, e as dez da manhã seguinte, quando cheguei para ajudar a abrir o bar, o carro de Andy adquirira um novo passageiro.

Um passageiro que provocaria considerável embaraço ao polícia. Estava morto.

Eu nem sequer devia ter estado presente. Trabalhara no turno da noite e deveria voltar a trabalhar novamente no mesmo turno na noite seguinte. Mas Bill pediu-me para trocar com uma colega porque precisava que o acompanhasse a Shreveport e Sam não se opôs. Pedira à minha amiga Arlene para ficar com o meu turno. Tinha um dia de folga, mas não recusava as gorjetas melhores que recebíamos durante a noite e concordou em entrar às cinco da tarde.

Andy deveria ter vindo buscar o carro nessa manhã, mas a ressaca fora demasiada para convencer Portia a levá-lo ao *Merlotte's*, o que obrigaria a um desvio no caminho para a esquadra. Dissera-lhe que o iria buscar ao trabalho ao meio-dia e que almoçariam no bar. Poderia trazer o carro depois disso.

Assim, o *Buick* e o seu passageiro silencioso esperaram mais tempo do que deveriam pelo momento da descoberta.

Dormira cerca de seis horas na noite anterior e sentia-me muito bem. Namorar com um vampiro pode ser duro para o equilíbrio de uma pessoa diurna como eu. Ajudei a fechar o bar e fui para casa com Bill à uma da manhã. Enfiámo-nos os dois na sua banheira de hidromassagem e fizemos outras coisas, mas adormeci pouco após as duas e não acordei até serem quase nove. Bill estava debaixo do chão muito antes.

Bebi muita água e sumo de laranja e tomei um suplemento de vitaminas e ferro ao pequeno-almoço, o meu regime especial desde que Bill entrara na minha vida e trouxera (juntamente com o amor, a aventura e a emoção) a ameaça constante de anemia. O tempo arrefecia, felizmente, e sentei-me no alpendre dianteiro de Bill, vestindo um casaco de malha e as calças pretas com que trabalhávamos no *Merlotte's* quando estava demasiado frio para calções. O meu pólo branco tinha *Merlotte's Bar* bordado sobre o seio esquerdo.

Enquanto folheava o jornal da manhã, notei com atenção parcial que a relva não crescia ao ritmo habitual. Algumas das folhas pareciam começar a mudar de cor. O ambiente no estádio do liceu talvez fosse tolerável na noite seguinte de sexta-feira.

O Verão não abandona com facilidade o Louisiana, mesmo no Norte do estado. O Outono começa de forma pouco convicta, como se pudesse desistir a qualquer momento e deixar regressar o calor abafante de Julho. Mas estava atenta e conseguia notar indícios outonais naquela manhã. O Outono e o Inverno trariam noites mais longas, mais tempo com Bill, mais horas de sono.

Por isso, sentia-me alegre quando fui trabalhar. Vendo o *Buick* sozinho à frente do bar, recordei a surpreendente bebedeira de Andy na noite anterior. Tenho de confessar que sorri ao pensar em como se sentiria na manhã seguinte. Quando me preparava para levar o carro até às traseiras e estacionar junto aos veículos dos outros funcionários, notei que uma das portas traseiras do carro de Andy estava ligeiramente aberta. Isso manter-lhe-ia a luz interior ligada? Iria esgotar-lhe a bateria. Ficaria furioso e teria de entrar para chamar o reboque ou pedir ajuda a outro condutor para fazer o carro pegar... Parei e saí do carro, deixando o motor ligado. Mais tarde, perceberia que fora um erro optimista.

Empurrei a porta, mas apenas consegui forçá-la um centímetro. Empurrei-a com o corpo todo, pensando que se trancaria e que po-

deria seguir caminho. A porta recusou-se a fechar. Impaciente, abria-a para ver o que a bloqueava. Um cheiro nauseabundo saiu do interior. Senti-me desesperar porque o cheiro não me era desconhecido. Espreitei o banco traseiro do carro, com a mão cobrindo a boca, apesar de isso não conseguir bloquear o odor.

— Bolas — murmurei. — Merda. — Lafayette, o cozinheiro de um dos turnos do *Merlotte's* fora colocado sobre o banco. Estava nu. Fora o pé magro e escuro de Lafayette, com as unhas dos pés pintadas de um escarlata intenso, a impedir a porta de fechar. E era o cadáver de Lafayette que tresandava.

Recuei, apressada, enfiei-me no carro e contornei o bar, buzinando. Sam saiu a correr pela porta de serviço, com um avental à volta da cintura. Desliguei o motor e saí tão depressa que nem dei pelo movimento, colando-me a Sam como uma meia carregada com electricidade estática.

— O que foi? — disse-me Sam ao ouvido. Afastei-me para o olhar, não precisando de erguer muito os olhos porque Sam não era alto. O cabelo alourado reluzia com o brilho do sol. Os seus olhos de um azul intenso arregalavam-se com apreensão.

— É o Lafayette — disse, começando a chorar. Era ridículo, idiota e não ajudava nada, mas não consegui impedir-me de o fazer. — Está morto. No carro do Andy Bellefleur.

Os braços de Sam apertaram-me e aproximaram-me novamente.

— Sookie, lamento que o tenhas visto — disse. — Vamos chamar a polícia. Pobre Lafayette.

Ser cozinheiro no *Merlotte's* não exige grande talento culinário, pois Sam servia apenas algumas sandes e batatas fritas, e isso permitia grande rotatividade. Mas Lafayette durou mais do que a maioria, para minha surpresa. Era *gay*. *Gay* berrante. *Gay* ao ponto de usar maquilhagem e unhas compridas. As pessoas no Norte do Louisiana são menos tolerantes do que em Nova Orleães e supus que Lafayette, um homem de cor, enfrentara dificuldades a dobrar. Mesmo com as dificuldades (ou talvez devido a elas), fora alegre, malicioso, esperto e um bom cozinheiro. Tinha um molho especial em que embebia os hambúrgueres e os pedidos de Hambúrgueres Lafayette eram muito comuns.

— Tinha família aqui? — perguntei. Afastámo-nos com embaraço e entrámos no bar, indo até ao gabinete de Sam.

— Tinha uma prima — respondeu, enquanto marcava o 911. — Mandem alguém ao *Merlotte's* na Hummingbird Road, por favor

— disse à telefonista. — Há um homem morto num carro. Sim, no parque de estacionamento à frente do bar. E talvez queiram avisar o Andy Bellefleur. É o carro dele.

Consegui ouvir o guincho do outro lado da linha do ponto onde me encontrava.

Danielle Gray e Holly Cleary, as duas empregadas do turno da manhã, entraram pela porta dos fundos, rindo. Eram ambas divorciadas e rondando os vinte e cinco anos. Danielle e Holly eram amigas há muitos anos e pareciam felizes em qualquer emprego que lhes permitisse ficarem juntas. Holly tinha um filho de cinco anos no jardim-de-infância e Danielle tinha uma filha de sete anos e um rapaz demasiado pequeno para a escola, que ficava com a avó enquanto a mãe trabalhava no *Merlotte's*. Nunca conseguira aproximar-me grandemente das duas mulheres, mesmo que tivessem quase a minha idade, porque faziam questão de se limitarem ao convívio entre si.

— Que se passa? — perguntou Danielle quando me viu a cara. A sua face estreita e sardenta tornou-se imediatamente apreensiva.

— Porque está o carro do Andy parado à frente do bar? — perguntou Holly. Recordei que saíra durante algum tempo com Andy Bellefleur. Holly tinha cabelo louro curto que lhe emoldurava a face como pétalas murchas de margarida e a pele mais bonita que alguma vez vira. — Passou a noite lá dentro?

— Não — respondi. — Mas alguém passou.

— Quem?

— O Lafayette está lá dentro.

— O Andy deixou um preto maricas dormir-lhe no carro? — Era Holly. Ela era a mais directa das duas.

— Que lhe aconteceu? — Danielle era a mais esperta.

— Não sabemos — respondeu Sam. — A polícia vem a caminho.

— Querem dizer — disse Danielle, lentamente e com cautela — que está morto.

— Sim — confirmei. — É isso mesmo que queremos dizer.

— Abrimos dentro de uma hora. — As mãos de Holly pousaram-se sobre as ancas arredondadas. — Que fazemos? Se a polícia nos deixar abrir, quem cozinhará? Os clientes vão querer almoçar.

— É melhor prepararmo-nos para essa eventualidade — disse Sam. — Apesar de me parecer que não abriremos até à tarde. — Regressou ao gabinete e começou a ligar a cozinheiros substitutos.

Era estranho preparar a abertura como se Lafayette estivesse prestes a chegar a qualquer minuto com uma história sobre alguma festa a que teria ido, como fizera poucos dias antes. Ouviram-se sirenes aproximando-se pela estrada que passava à frente do *Merlotte's*. A gralva que cobria o parque de estacionamento dianteiro foi esmagada por pneus. Quando acabámos de colocar as cadeiras no chão, de pôr as mesas e de enrolar talheres adicionais em guardanapos para substituir os que fossem usados, a polícia entrou.

O *Merlotte's* ficava fora dos limites da cidade e, por isso, seria Bud Dearborn, o xerife do condado, a tomar conta das operações. Bud Dearborn fora um bom amigo do meu pai e estava grisalho. Tinha uma cara espalmada, como um cão pequinês humano, e olhos castanhos opacos. Vendo-o entrar pela porta do bar, notei que calçava botas pesadas e trazia o seu boné dos Saints. Devia estar na quinta quando foi contactado. Com ele vinha Alcee Beck, o único detective afro-americano na polícia do condado. Alcee era tão negro que a sua camisa branca brilhava em contraste com a pele. O nó da gravata era meticuloso e o fato absolutamente correcto. Os sapatos estavam polidos e reluzentes.

Bud e Alcee geriam o condado entre si... Pelo menos, no que dizia respeito a alguns dos elementos mais importantes que o mantinham funcional. Mike Spencer, agente funerário e médico legista também tinha uma grande influência nos assuntos locais e era bom amigo de Bud. Seria capaz de apostar que Mike estaria já no parque de estacionamento, oficializando a morte do pobre Lafayette.

— Quem encontrou o corpo? — perguntou o xerife.

— Fui eu. — Bud e Alcee alteraram ligeiramente a trajectória e dirigiram-se para mim.

— Sam, podemos usar o teu gabinete? — perguntou Bud. Sem esperar resposta, inclinou a cabeça para a porta, indicando-me que devia entrar.

— Claro. Fica à vontade — respondeu, secamente, o meu patrão. — Sookie, estás bem?

— Estou ótima, Sam. — Não estava muito segura do que dizia, mas Sam não poderia fazer nada sem se meter em sarilhos e não valeria a pena. Apesar de Bud me indicar com um gesto que me sentasse, abanei a cabeça enquanto ele e Alcee se instalavam nas cadeiras do gabinete. Obviamente, Bud ocupou a grande cadeira de Sam enquanto Alcee se contentava com a cadeira adicional, a que tinha ainda algum estofo.

— Fala-nos da última vez que viste o Lafayette com vida — pediu Bud.

Pensei no assunto.

— Não trabalhou na noite passada — disse-lhes. — Tivemos cá o Anthony. Anthony Bolivar.

— Quem é? — Alcee franziu a testa ampla. — Não reconheço o nome.

— É amigo do Bill. Está de passagem e precisava de trabalho. Tem experiência. — Trabalhou num restaurante durante a Grande Depressão.

— Estás a dizer-nos que o *Merlotte's* tem um vampiro como cozinheiro?

— E daí? — repliquei. Senti o esgar casmurro instalar-se nos lábios e as sobrancelhas aproximando-se e sabia que a minha expressão se tornava irada. Fazia um esforço para não lhes ler as mentes, tentando manter-me completamente fora daquele assunto, mas não era fácil. Bud Dearborn era normal, mas Alcee projectava os pensamentos como um farol projecta o seu foco de luz. Naquele momento, irradiava repulsa e medo.

Nos meses antes de conhecer Bill e perceber que valorizava a minha deficiência (o meu dom, como lhe chamava), esforçara-me para me convencer a mim e aos outros de que não conseguia «ler» mentes. Mas, desde que Bill me libertara da pequena prisão que construía para mim própria, praticava e fazia experiências, com o seu encorajamento. Por ele, verbalizara o que sentira durante anos. Algumas pessoas transmitiam uma mensagem clara, como Alcee. A maioria era mais irregular, como Bud Dearborn. Dependia muito da intensidade das suas emoções, da sua clareza de espírito ou, tanto quanto sabia, podia até depender do clima. Algumas pessoas tinham mentes muito pantanosas e era praticamente impossível perceber o que pensavam. Conseguia uma leitura das suas disposições, mas não passava daí.

Reconhecera que, se tocasse as pessoas enquanto lhes lia os pensamentos, isso tornava a imagem mais clara... como mudar para a televisão por cabo depois de usar uma antena. E descobrira que, se «transmitisse» imagens tranquilizantes a alguém, conseguiria fluir como água através do seu cérebro.

Poucas coisas me agradariam menos do que fluir pela mente de Alcee Beck. Mas, mesmo que de forma absolutamente involuntária, via um panorama completo da reacção profundamente supersticiosa de

Alcee à descoberta de que havia um vampiro a trabalhar no *Merlotte's*, da sua repulsa por perceber que eu era a mulher de que ouvira falar que namorava um vampiro e da sua profunda convicção de que a homossexualidade assumida de Lafayette fora uma vergonha para a comunidade negra. Alcee achava que alguém deveria ter contas a ajustar com Andy Bellefleur para depositar o cadáver de um negro *gay* no seu carro. Pensava se Lafayette teria SIDA, se o vírus poderia ter-se infiltrado no banco do carro de Andy, sobrevivendo aí de alguma forma. Se o carro fosse seu, vendê-lo-ia.

Se tivesse tocado em Alcee, teria ficado a conhecer o seu número de telefone e o número do sutiã da mulher.

Bud Dearborn olhava-me com estranheza.

— Disse alguma coisa? — perguntei.

— Sim. Queria saber se viste o Lafayette aqui durante a noite. Não veio tomar um copo?

— Não o vi. — Pensando no assunto, nunca vira Lafayette beber um copo. Pela primeira vez, apercebia-me de que, apesar de a clientela do almoço ser mista, os clientes nocturnos eram quase exclusivamente brancos.

— Onde ocupava a sua vida social?

— Não faço ideia. — Todas as histórias de Lafayette eram contadas com nomes alterados para proteger os inocentes. Ou melhor, os culpados.

— Quando o viste pela última vez?

— Morto no carro.

Bud abanou a cabeça, exasperado.

— Vivo, Sookie.

— Hmm. Suponho... que terá sido há três dias atrás. Ainda cá estava quando cheguei para o meu turno. Cumprimentámo-nos. Ah. Falou-me de uma festa a que tinha ido. — Tentei recordar as palavras exactas. — Disse que tinha estado numa casa onde havia todo o tipo de esquisitice sexual.

Os dois homens fitaram-me, boquiabertos.

— Foi o que disse! Não sei se foi verdade ou não. — Conseguia ver a cara de Lafayette quando me contou aquilo, a descrição com que elevava o dedo aos lábios para indicar que não partilharia nomes nem localizações exactas.

— Não te pareceu que alguém deveria ser informado a esse respeito? — Bud Dearborn parecia atordoado.

— Era uma festa particular. Porque deveria contar a alguém?

Aquele tipo de festa não poderia acontecer naquele condado. Os dois homens olhavam-me. Bud acabou por dizer, forçando as palavras por entre os lábios comprimidos:

— O Lafayette disse-te alguma coisa sobre utilização de drogas nesse convívio?

— Não. Não me recordo de nada desse tipo.

— A festa decorreu em casa de alguém branco ou preto?

— Branco — respondi, desejando ter ficado calada.

Mas Lafayette mostrara-se muito impressionado com a casa. Mesmo que não fosse por ser grande ou requintada. Porque teria ficado tão impressionado? Não sabia ao certo o que impressionaria Lafayette, alguém que crescera pobre e que nunca deixara de o ser, mas tinha a certeza de que se referia à casa de alguém branco porque dissera: «As fotografias nas paredes eram todas de gente branca como lírios sorrindo como crocodilos.» Não partilhei este comentário com a polícia e não fizeram mais perguntas.

Quando saí do gabinete de Sam, depois de explicar porque estava o carro no parque de estacionamento, dirigi-me para trás do balcão. Não queria ver o movimento no parque de estacionamento e não havia clientes para servir porque a polícia fechara as entradas.

Sam mudava a arrumação das garrafas atrás do balcão, limpando o pó enquanto o fazia, e Holly e Danielle tinham-se instalado a uma mesa na secção de fumadores para que Danielle pudesse fumar um cigarro.

— Que tal foi? — perguntou Sam.

— Tranquilo. Não gostaram de saber que o Anthony trabalha aqui e não gostaram que referisse a festa de que o Lafayette se gabou no outro dia. Ouviste-o falar-me dela? Da orgia?

— Sim. Também me disse qualquer coisa sobre esse assunto. Deve ter sido uma noite em grande para ele. Se aconteceu realmente.

— Achas que pode ter inventado tudo?

— Não me parece que existam muitas festas inter-raciais e bissexuais em Bon Temps — disse.

— Apenas porque nunca te convidaram para uma — referi. Pensei se saberia realmente o que se passava na nossa pequena cidade. De todos os habitantes de Bon Temps, deveria ser eu a saber os pormenores porque a informação me estava livremente disponível se pretendesse procurá-la. — Pelo menos, presumo que seja esse o caso.

— É esse o caso — disse Sam, esboçando um pequeno sorriso enquanto limpava o pó a uma garrafa de uísque.

— Penso que o meu convite também se perdeu no correio.

— Achas que o Lafayette voltou cá na noite passada para falar mais sobre a festa contigo ou comigo?

Encolhi os ombros.

— Pode ter combinado encontrar-se com alguém no parque de estacionamento. Afinal, todos sabem onde fica o *Merlotte's*. Recebeu o cheque do ordenado? — Estávamos no fim da semana, quando Sam costumava pagar-nos.

— Não. Talvez tenha vindo buscá-lo, mas ter-lho-ia dado no dia seguinte. Hoje.

— Quem o terá convidado para a tal festa?

— Boa pergunta.

— Achas que poderá ter sido estúpido ao ponto de tentar chantagear alguém?

Sam esfregou a madeira artificial do balcão com um pano limpo. Reluzia já, mas gostava de manter as mãos ocupadas.

— Não me parece — disse, após pensar no assunto. — Mas convidaram a pessoa errada. Sabes como o Lafayette era indiscreto. Não apenas nos contou que foi a uma festa dessas (e aposto que não deveria fazê-lo), como poderia querer coisas que deixariam desconfortáveis os outros... participantes.

— Como manter contacto com pessoas que conheceu na festa? Piscando-lhes o olho em público?

— Algo desse género.

— Parece-me que, quando se tem sexo com alguém ou quando se vê alguém praticar sexo, nos sentimos à sua altura. — Disse isto com insegurança, tendo experiência limitada nessa área. Mas Sam acenou afirmativamente.

— O Lafayette queria ser aceite pelo que era acima de qualquer outra coisa — disse. E eu tive de concordar.



2

Reabrimos às quatro e meia, quando estávamos já tão aborrecidos como era humanamente possível. Envergonhei-me, porque um homem que conhecíamos tinha morrido, mas era inegável que, depois de organizar o armazém, de limpar o gabinete de Sam e de jogar várias mãos de *bourre*¹ (Sam ganhou cinco dólares e alguns trocos), estávamos todos preparados para ver gente nova. Quando Terry Bellefleur, o primo de Andy e frequente empregado de bar ou cozinheiro substituto no *Merlotte's*, entrou pela porta dos fundos, foi recebido com alegria.

Terry andaria próximo dos sessenta anos. Veterano do Vietname, fora prisioneiro de guerra durante ano e meio. Tinha cicatrizes evidentes na face e a minha amiga Arlene contou-me que as cicatrizes no corpo eram ainda mais drásticas. Era ruivo, apesar de parecer ficar um pouco mais grisalho com cada mês que passava.

Sempre simpatizei com Terry, que se esforçava para ser simpático comigo (excepto quando estava numa das suas disposições negras). Todos sabiam que não deviam irritar Terry Bellefleur num destes momentos. Os dias sombrios de Terry eram inevitavelmente precedidos por pesadelos da pior espécie, como testemunhavam os seus vizinhos. Conseguiam ouvi-lo gritar nas noites em que isso acontecia.

¹ Jogo de cartas alternativo ao póquer, de origem francesa, muito popular no Louisiana.

Nunca li a mente de Terry. Nunca.

Parecia bem naquele dia. Os ombros estavam descontraídos e os olhos moviam-se de um lado para o outro.

— Sentes-te bem, coisa fofa? — perguntou, tocando-me no braço de forma compreensiva.

— Estou ótima. Obrigada, Terry. Apenas lamento o que aconteceu ao Lafayette.

— Sim. Não era mau tipo. — Vindo de Terry, era um grande elogio. — Fazia o seu trabalho, chegava sempre a horas. Limpava bem a cozinha. Nunca respondia mal a ninguém. — Operar àquele nível de eficiência era a mais elevada ambição de Terry. — E acaba morto no *Buick* do Andy.

— Receio que o carro do Andy tenha ficado meio... — Procurei o termo mais suave.

— Disse-me que pode limpar-se — Terry estava ansioso por encerrar o assunto.

— Contou-te o que aconteceu ao Lafayette?

— Disse que parecia ter o pescoço partido. E que havia provas de... alguma coisa desagradável. — Os seus olhos castanhos afastaram-se, revelando o desconforto. «Alguma coisa desagradável» significava para Terry algo violento e sexual.

— Ó meu Deus. Que coisa horrível. — Danielle e Holly aproximaram-se por trás de mim, juntamente com Sam, que transportava mais um saco de lixo retirado do gabinete e fazia uma pausa a caminho do contentor nas traseiras.

— Não pareceu assim tão... Quer dizer, o carro não pareceu tão...

— Manchado?

— Isso.

— O Andy acha que foi morto noutra sítio.

— Credo — exclamou Holly. — Não falem no assunto. É demais para mim.

Terry olhou as duas mulheres por cima do meu ombro. Não tinha grande amor nem por Holly nem por Danielle, apesar de me escapar o motivo e não fazendo qualquer tentativa para descobrir. Tentava permitir dar privacidade às pessoas, especialmente depois de ter adquirido um maior controlo da minha habilidade. Ouvi-as afastarem-se depois de Terry manter o olhar fixo nelas durante alguns segundos.

— A Portia veio buscar o Andy na noite passada? — perguntou.

— Sim. Liguei-lhe. Não estava em condições de conduzir. Apesar

de poder jurar que agora desejaria que o tivesse deixado fazê-lo. — Nunca chegarei ao topo da lista de popularidade de Andy Bellefleur.

— Teve dificuldades para o levar até ao carro dela?

— O Bill ajudou-a.

— O Vampiro Bill? O teu namorado?

— Sim.

— Espero que não a tenha assustado — disse Terry, como se tivesse esquecido que eu continuava presente.

Senti a face contorcer-se.

— Não há qualquer motivo para o Bill assustar a Portia Bellefleur — disse. E algo nas minhas palavras penetrou a névoa de pensamento privado de Terry.

— A Portia não é tão dura como todos pensam — disse-me Terry. — Tu, por outro lado, és um docinho por fora e um *pitbull* por dentro.

— Não sei se deverei sentir-me elogiada ou se será melhor esmurrar-te o nariz.

— Aí tens. Quantas mulheres (ou homens) diriam uma coisa dessas a um tipo maluco como eu? — Terry sorriu como sorriria um fantasma. Não percebera até àquele momento a forma como Terry estava consciente da sua reputação.

Pus-me em bicos de pés para lhe beijar a face cicatrizada, para lhe mostrar que não tinha medo dele. Voltando a pousar os calcanhares no chão, percebi que não era exactamente verdade. Em algumas circunstâncias, não apenas aquele homem perturbado me deixaria ansiosa, como poderia mesmo assustar-me muito.

Terry atou os cordões de um dos aventais brancos de cozinheiro e começou a preparar a cozinha. Os restantes regressaram ao trabalho. Não teria muito tempo para servir às mesas porque sairia às seis para me preparar para ir a Shreveport com Bill. Odiei que Sam me pagasse o tempo que passara a cirandar pelo *Merlotte's*, à espera de algo para fazer. Mas a organização do armazém e a limpeza do seu gabinete teriam de valer alguma coisa.

Assim que a polícia abriu o parque de estacionamento, as pessoas começaram a chegar num fluxo tão contínuo como será possível numa cidade pequena como Bon Temps. Andy e Portia foram dos primeiros a entrar e vi Terry espreitar os seus primos pela janela de serviço. Acenaram-lhe e ele retribuiu erguendo uma espátula. Pensei se Terry seria um primo próximo. Estava certa de que não seria um primo em primeiro grau. Mas, obviamente, por aqueles lados, era possível

chamar-se primo, tia ou tio a pessoas com as quais não tínhamos qualquer parentesco real. Depois da morte dos meus pais numa inundação repentina que varreu o carro em que seguiam de uma ponte, a melhor amiga da minha mãe tentava visitar-me em casa da minha avó quase todas as semanas com um presente. E chamei-lhe tia Patty durante toda a vida.

Respondi às perguntas dos clientes quando tinha tempo e trouxe-lhes hambúrgueres, saladas, peitos de frango e cerveja até me sentir zozona. Quando olhei o relógio, estava na hora de ir. Na casa de banho, encontrei a minha substituta: Arlene, a minha amiga. O cabelo ruivo flamejante de Arlene (dois tons acima do vermelho dos lábios) estava disposto numa cascata elaborada de caracóis que lhe caía sobre as costas e as calças apertadas informavam o mundo de que perdera três quilos. Fora casada por quatro vezes e procurava o quinto marido.

Discutimos o homicídio durante um par de minutos e informei-a sobre a ocupação das mesas antes de ir buscar a bolsa ao gabinete de Sam e sair pela porta dos fundos. Ainda não tinha escurecido por completo quando cheguei a casa, a uns quatrocentos metros de distância, rodeada por floresta e perto de uma estrada secundária pouco utilizada. É uma casa antiga e partes do edifício têm mais de cento e quarenta anos. Mas foi alterada e acrescentada com tanta frequência que não podemos considerá-la anterior à guerra. Seja como for, é apenas uma velha casa de quinta. A minha avó, Adele Hale Stackhouse, deixou-me e fiquei-lhe grata. Bill sugeriu que me mudasse para a sua casa, situada sobre uma colina e separada da minha pelo cemitério, mas sentia-me relutante por deixar o meu ninho.

Despi a farda de empregada e abri o armário. Se íamos a Shreveport para tratar de assuntos vampíricos, Bill gostaria que me apertasse um pouco. Não conseguia perceber bem como funcionava, já que não desejava que alguém tentasse um avanço sobre mim, mas gostava sempre que parecesse particularmente bonita sempre que íamos ao *Fangtasia*, um bar gerido por vampiros e destinado sobretudo a turistas.

Homens.

Não conseguia decidir-me. Por isso, enfiar-me no chuveiro. Pensar no *Fangtasia* deixava-me sempre tensa. Os vampiros proprietários integravam a estrutura do poder vampírico e, assim que descobriram o meu talento único, tornei-me para eles uma aquisição desejável. Só a entrada decidida de Bill no sistema de governo dos vampiros conse-

guira manter-me segura. Ou seja, vivendo onde quisesse, trabalhando no emprego que escolhesse. Mas, em troca da segurança, continuava obrigada a comparecer sempre que convocada e a colocar a minha telepatia ao seu serviço. Os vampiros «integrados» precisavam de medidas mais suaves do que as suas opções anteriores (tortura e terror). A água quente conseguiu melhorar-me a disposição de imediato e descontraí enquanto a sentia cair-me sobre as costas.

— Posso juntar-me a ti?

— Merda, Bill! — Com o coração acelerado, equilibrei-me contra a parede.

— Desculpa, querida. Não ouviste a porta da casa de banho abrir?

— Não, bolas. Não podes gritar «querida, cheguei» ou algo assim?

— Desculpa — repetiu, não parecendo muito sincero. — Precisas de alguém para te lavar as costas?

— Não, obrigada — silvei. — Não estou na disposição certa para lavagens de costas.

Bill sorriu (e consegui ver que tinha os caninos retraídos), voltando a correr a cortina do chuveiro.

Quando saí da casa de banho, enrolada numa toalha de forma mais ou menos decente, vi-o estendido na minha cama, com os sapatos meticulosamente alinhados sobre o pequeno tapete junto à mesa-de-cabeceira. Vestia uma camisa azul-escura de mangas compridas e calças de cor creme, com meias que combinavam com a camisa e mocassins engraxados. O cabelo castanho-escuro estava penteado para trás e as patilhas longas tinham um aspecto clássico.

E eram. Mais clássicas do que a maioria das pessoas poderia imaginar.

As sobranceiras arqueadas e um nariz recto. A boca assemelhava-se às bocas que vemos em estátuas gregas, pelo menos às que vi em fotografias. Morreu poucos anos após o fim da Guerra Civil (a Guerra de Agressão Nortista, como a minha avó sempre lhe chamou).

— Qual é o plano para esta noite? — perguntei. — Negócios ou prazer?

— Estar contigo é sempre um prazer — replicou Bill.

— Porque vamos a Shreveport? — perguntei, reconhecendo uma resposta evasiva enquanto a ouvia.

— Fomos convocados.

— Por quem?

— Pelo Eric, claro.

Agora que Bill se candidatara e aceitara uma posição como investigador da Área 5, estava ao serviço de Eric (e também sob sua protecção). Isso significava, explicara-me, que quem o atacasse teria de lidar com Eric e também que os pertences de Bill se tornavam sagrados para Eric. Incluindo-me a mim. Não me agradava particularmente ser incluída entre os pertences de Bill, mas era melhor do que algumas das alternativas.

Fiz uma careta ao espelho.

— Sookie, fizeste um acordo com o Eric.

— Sim — admiti. — Fiz.

— E terás de o respeitar.

— É o que pretendo fazer.

— Veste aquelas calças de ganga azuis com fechos de lado — sugeriu.

Não eram realmente de ganga, mas de um material elástico qualquer. Bill adorava ver-me com elas vestidas e tinham a cintura bastante descáida. Mais do que uma vez, pensei se Bill teria alguma fantasia envolvendo Britney Spears. Porque sabia perfeitamente que ficava bem com aquelas calças, vesti-as e acrescentei ao conjunto uma blusa de manga curta em padrão axadrezado azul-escuro e branco com botões à frente e que terminava cinco centímetros abaixo do sutiã. Para demonstrar alguma independência (seria melhor que nunca esquecesse que lidava com uma mulher independente), preni o cabelo num rabo-de-cavalo. Apliquei um laço azul sobre o elástico e maquillei-me. Bill olhou o relógio uma ou duas vezes, mas demorei-me o tempo necessário. Se estava assim tão interessado em que impressionasse os seus amigos vampiros, poderia esperar.

No carro, em direcção a oeste, para Shreveport, Bill disse:

— Fundei um novo negócio hoje.

Francamente, questionara-me sobre a origem do seu dinheiro. Nunca parecia rico. Nem pobre. Mas também nunca trabalhava. A não ser que o fizesse nas noites que não passávamos juntos.

Percebia com alguma apreensão que qualquer vampiro digno desse nome poderia tornar-se rico. Afinal, alguém capaz de controlar as mentes dos humanos de alguma forma não terá grande dificuldade para os persuadir a ceder dinheiro, dicas de mercado bolsista ou oportunidades de investimento. E, até os vampiros conquistarem o direito à existência jurídica, não tinham pago impostos. Até o governo dos Estados Unidos teria de admitir não poder cobrar impostos aos mortos.

Mas, atribuindo-lhes direitos, incluindo o direito de voto, o Congresso percebeu que essa situação poderia alterar-se.

Quando os japoneses aperfeiçoaram o sangue sintético que permitia aos vampiros «viver» sem ingerir sangue humano, tornou-se possível que saíssem do caixão. «Estão a ver? Não precisamos de predar a espécie humana para subsistir», diriam. «Não constituímos qualquer ameaça.»

Mas eu sabia como Bill ficava extasiado quando bebia o meu sangue. Podia cumprir uma dieta rigorosa de *LifeFlow* (a marca mais popular de sangue sintético), mas trincar-me o pescoço era incomparavelmente melhor. Podia beber A positivo engarrafado à frente de um bar cheio de gente, mas, se planeasse um trago de Sookie Stackhouse, seria melhor que estivéssemos a sós. O efeito era muito diferente. Bill não obtinha qualquer tipo de satisfação erótica de um copo de vinho cheio de *LifeFlow*.

— Que tipo de negócio? — perguntei.

— Comprei o centro comercial junto à auto-estrada. Aquele onde fica o *LaLaurie's*.

— A quem pertencia?

— Os Bellefleur eram os proprietários originais do terreno. Permitiram que Sid Matt Lancaster lhes conseguisse um acordo de desenvolvimento imobiliário.

Sid Matt Lancaster fora o advogado do meu irmão. Tinha muitos anos de experiência e uma reputação maior do que a de Portia.

— Que bom para os Bellefleur. Há um par de anos que o tentam vender. Precisam do dinheiro. Com urgência. Compraste o terreno e o centro comercial? Qual é a área?

— Apenas meio hectare. Mas a localização é boa — disse Bill, com um tom de voz empresarial que eu nunca tinha ouvido.

— Esse centro comercial tem um *LaLaurie's*, um cabeleireiro e a *Tara's Togs*? — Além do clube, o *LaLaurie's* era o único restaurante com algumas pretensões na zona de Bon Temps. Era onde se levava a mulher para o vigésimo quinto aniversário de casamento, o patrão quando se quisesse uma promoção ou um acompanhante romântico que se quisesse impressionar realmente. Mas, pelo que ouvia, não fazia muito dinheiro.

Não sabia nada sobre a gestão de um negócio nem sobre tudo o que estava relacionado, tendo passado toda a vida no degrau imediatamente acima da pobreza. Se os meus pais não tivessem tido a sorte de

encontrar um pouco de petróleo nas suas terras, poupando o dinheiro para quando o petróleo se esgotasse, Jason, a avó e eu teríamos passado por um mau bocado. Pelo menos em duas ocasiões, estivemos perto de vender a casa dos meus pais para conseguir sustentar a casa da avó e pagar os impostos enquanto ela nos criava aos dois.

— Então como funciona? És o dono do edifício que aloja esses três negócios e pagam-te renda?

Bill acenou afirmativamente.

— Por isso, quando quiseres fazer alguma coisa ao cabelo, vai ao *Clip and Curl*.

Fora a um cabeleireiro uma única vez na vida. Se as pontas espi-gassem, ia à caravana de Arlene e ela cortava-mas.

— Achas que o meu cabelo precisa que lhe faça alguma coisa? — perguntei, insegura.

— Não. É lindo. — O tom de voz era positivo de forma confortante. — Mas, se quisesses lá ir, têm... hmm... manicuras. E produtos capilares — disse. Pronunciou «produtos capilares» como se dissesse algo num idioma estrangeiro. Contive um sorriso.

— E — prosseguiu — leva quem quiseres ao *LaLaurie's*. Não precisarás de pagar.

Voltei-me para ele.

— E a Tara sabe que as roupas que escolheres ficam por minha conta.

Senti o meu temperamento fervilhar. Infelizmente, Bill não sentiu.

— Por outras palavras — disse, com voz orgulhosa e segura —, foram instruídos a satisfazer os caprichos da mulher do patrão.

Bill pareceu compreender que cometera um erro.

— Sookie... — começou, mas não lhe permitiria que argumen-tasse. O meu orgulho tinha sido ferido e reagia com violência. Não perco a paciência muitas vezes, mas, quando acontece, é pela medida grande.

— Porque não podes enviar-me flores como os namorados das outras? Ou bombons. Gosto de bombons. Oferece-me um postal. Ou um gato. Ou um cachecol!

— Queria dar-te alguma coisa — disse, com cautela.

— Fizeste-me sentir uma reles amante. E fizeste as pessoas que trabalham nesses sítios pensar que o sou.

Tanto quanto conseguia perceber, com a luz ténue do painel de instrumentos, Bill parecia tentar perceber a diferença. Tínhamos aca-

bado de passar o desvio para o Lago Mimosa e, à luz dos faróis, via o arvoredo denso do lado da estrada em que se situava o lago.

Para minha completa surpresa, o carro soluçou e parou. Vi aquilo como um sinal.

Bill teria trancado as portas se soubesse o que faria porque pareceu sobressaltado quando saí do carro e caminhei até às árvores na berma.

— Sookie, volta para aqui! — Bill estava furioso. Tinha demorado tempo suficiente.

Estendi-lhe o dedo médio enquanto me embrenhava na floresta.

Sabia que, se Bill me quisesse no carro, não teria remédio senão regressar, porque será vinte vezes mais forte e mais rápido do que eu. Após alguns segundos na escuridão, quase desejei que me alcançasse. Mas, depois, o meu orgulho deu sinal de vida e soube que tinha feito o que devia. Bill parecia algo confuso pela natureza da nossa relação e quis que o percebesse. Podia ir para Shreveport e explicar a minha ausência a Eric, o seu superior hierárquico. Seria uma lição e tanto.

— Sookie — chamou Bill da estrada. — Vou à estação de serviço mais próxima procurar um mecânico.

— Boa sorte — murmurei, entredentes. Uma estação de serviço com um mecânico a tempo inteiro aberta de noite? Bill pensava na década de cinquenta ou em qualquer outro período histórico.

— Estás a comportar-te como uma criança — disse-me. — Podia ir buscar-te, mas não vou perder tempo a fazê-lo. Quando te acalmares, vem para o carro e tranca-o. Vou andando. — Bill também tinha o seu orgulho.

Com uma mistura de alívio e preocupação, ouvi as passadas ténues pela estrada que significavam que Bill corria à velocidade dos vampiros. Partira realmente.

Talvez pensasse que me ensinava uma lição a mim. E era precisamente o oposto. Repeti-o por diversas vezes. Afinal, regressaria minutos depois. Estava certa. Precisava apenas de não avançar demasiado na floresta para não cair no lago.

A escuridão entre os pinheiros era assustadora. Apesar de a lua não estar cheia, não havia nuvens e as sombras das árvores eram negras e contrastavam com o brilho frio e remoto dos espaços abertos.

Regressei à estrada, inspirei fundo e comecei a caminhar para Bon Temps, a direcção oposta à que tinha seguido Bill. Pensei em quantos quilómetros nos teríamos distanciado da cidade até Bill iniciar a con-

versa. Não muitos, assegurei-me. Senti-me grata por calçar ténis e não sandálias de salto alto. Não trouxera casaco e a pele exposta entre o top e a cintura descaída das calças arrepiou-se. Apressei o passo até correr. Não havia candeeiros de iluminação pública e teria passado mal sem a luz da lua.

Acabara de recordar que o assassino de Lafayette andava à solta quando ouvi passos paralelos aos meus na floresta.

Quando parei, o movimento também parou.

Preferi saber.

— Muito bem. Quem está aí? — perguntei. — Se vou ser comida, despachemos isto.

Uma mulher saiu da floresta. Com ela vinha um porco selvagem. As suas presas reluziam entre as sombras. Na mão esquerda transportava algum tipo de pau ou varinha, com um tufo de alguma coisa na extremidade.

— Perfeito — murmurei para mim mesma. — Absolutamente perfeito. — A mulher era tão assustadora como o porco. Estava certa de que não era uma vampira porque conseguia sentir a sua actividade mental. Mas seria certamente algum tipo de criatura sobrenatural porque não transmitiu um sinal claro. No entanto, consegui captar de imediato a sua disposição. Estava divertida.

Não podia ser bom sinal.

Esperei que o porco também se sentisse amistoso. Raramente eram vistos por Bon Temps apesar de, ocasionalmente, um caçador avistar um. Em ocasiões ainda mais raras, conseguiam abater um exemplar. Era motivo para fotografia nos jornais. Aquele porco selvagem em particular tresandava. O odor era medonho e inconfundível.

Não sabia a quem me dirigir. Afinal, o porco poderia não ser um animal real, mas sim um metamorfo. Fora algo que aprendera ao longo dos meses anteriores. Se os vampiros, vistos durante tanto tempo como criaturas fictícias, existiam realmente, aconteceria o mesmo com outras coisas que considerávamos igualmente como elementos de ficção.

Sentia-me muito nervosa. Por isso, sorri.

A mulher tinha cabelo longo e emaranhado, de uma cor escura indeterminada com a luz incerta, e não vestia quase nada. Trazia uma espécie de túnica, mas era curta, esfarrapada e manchada. Estava descalça. Retribuiu-me o sorriso. Em vez de gritar, sorri ainda mais.

— Não tenho qualquer intenção de te comer — disse-me.

— É bom saber. E o seu amigo?

— Ah. A porca. — Parecendo ter dado pela sua presença apenas naquele momento, a mulher estendeu o braço e coçou-lhe o dorso como eu acariciaria um cão amistoso. As presas ferozes subiram e desceram. — Fará o que ordenar — disse, casualmente. Não precisei de tradução para perceber a ameaça. Tentei parecer igualmente casual enquanto olhava em redor, esperando encontrar uma árvore a que pudesse trepar se fosse necessário. Mas todos os troncos suficientemente próximos estavam despidos de ramos. Pertenciam aos pinheiros plantados aos milhões na nossa região para produção de madeira. Os ramos começavam a cinco metros do chão.

Percebi o que deveria ter percebido antes. A avaria do carro de Bill não fora acidental e talvez nem mesmo a discussão o tivesse sido.

— Quer falar comigo sobre alguma coisa? — perguntei. Quando voltei a olhá-la, percebi que se aproximara vários metros. Conseguia ver-lhe a cara um pouco melhor e isso não me tranquilizou. Tinha a boca manchada e, quando a abriu para falar, vi que os dentes estavam cobertos com um resíduo escuro. A Sra. Misteriosa tinha comido um mamífero cru. — Vejo que já jantou — disse, nervosamente. A seguir, senti vontade de me esbofetear.

— Hmm... — disse. — És o brinquedo de Bill?

— Sim — respondi. Não me agradava o termo usado, mas não estava em posição para protestar. — Ele ficaria muito desagradado se me acontecesse alguma coisa.

— Como se a ira de um vampiro tivesse algum significado para mim — considerou, bruscamente.

— Desculpe, senhora. Mas quem é? Se me permite a questão.

Voltou a sorrir e estremeceu.

— Claro que sim. Sou uma ménade.

Era uma palavra grega. Não sabia exactamente o que significava, mas era selvagem, feminino e vivia na natureza, se as minhas impressões estivessem correctas.

— Muito interessante — disse, sorrindo tanto quando podia. — E está aqui esta noite porque...?

— Preciso de enviar uma mensagem a Eric Northman — disse, aproximando-se mais. Daquela vez, vi-a fazê-lo. A porca grunhia a seu lado, como se estivesse presa à mulher. O cheiro era indescritível. Conseguia ver a pequena cauda peluda. Movia-se de um lado para o outro de forma impaciente.

— Qual é a mensagem? — Ergui os olhos e voltei-me tão rapidamente quanto consegui. Se não tivesse ingerido algum sangue de vampiro no início do Verão, não teria conseguido virar-me a tempo e o golpe ter-me-ia atingido na face e no peito e não nas costas. Senti-me exactamente como se alguém muito forte me tivesse golpeado com um ancinho pesado e os dentes me tivessem furado a pele, penetrando-a e rasgando-a pelas costas abaixo.

Não consegui manter-me de pé, caindo para a frente e aterrando de cara. Ouvi o seu riso atrás de mim e o grunhido da porca e percebi que partira. Permaneci deitada, chorando durante um minuto ou dois. Tentava não gritar e dei comigo a arfar como uma mulher em trabalho de parto, tentando dominar a dor. As costas doíam-me como o raio.

E também me sentia furiosa, com a pouca energia que conseguia reunir. Não era mais do que um quadro vivo para fixação de avisos para aquela cabra, aquela ménade, o que raio fosse. Enquanto rastejava sobre ramos e solo irregular, sobre pinhas e terra, tornava-me cada vez mais furiosa. A dor e a raiva faziam-me tremer, arrastando-me até sentir que não tinha qualquer valor pelo destroço a que me via reduzida. Comecei a rastejar de volta ao carro, tentando dirigir-me para o ponto mais provável onde Bill conseguisse encontrar-me, mas, quando estava quase lá, pensei duas vezes sobre avançar em terreno descoberto.

Presumira que a estrada significaria ajuda, mas, obviamente, não era o caso. Descobrira poucos minutos antes que nem todos os que se encontram por acaso estão numa disposição prestável. E se encontrasse mais alguma coisa? Alguma coisa faminta? O cheiro do meu sangue poderia atrair um predador naquela preciso momento. Dizia-se que os tubarões são capazes de detectar as partículas de sangue mais ínfimas na água e os vampiros serão certamente o equivalente terrestre dos tubarões.

Por isso, rastejei dentro da linha de árvores, em vez de permanecer na estrada, onde seria visível. Parecia não ser um local muito digno ou pleno de significado para morrer. Não era o Álamo. Nem as Termópilas. Era apenas um local rodeado por vegetação junto a uma estrada no Norte do Louisiana. Era provável que estivesse deitada sobre sumagre. Mas talvez não vivesse o suficiente para ser afectada.

A cada segundo, esperava que a dor começasse a atenuar-se, mas apenas a senti aumentar. Não consegui impedir as lágrimas que me escorriam pela face. Consegui não chorar alto para não atrair mais atenção, mas era impossível manter-me completamente imóvel.

Concentrava-me tão desesperadamente em manter o silêncio que quase não vi Bill. Caminhava pela estrada, olhando a floresta e, pela forma como se movia, percebi que estava preparado para o perigo. Sabia que algo estava mal.

— Bill — sussurrei. Com a sua audição de vampiro, foi como um grito.

De imediato, ficou imóvel, continuando a varrer as sombras com o olhar.

— Estou aqui — disse-lhe, abafando um soluço. — Cuidado. — Podia estar a ser usada como armadilha viva.

O luar permitia-me ver que não havia qualquer expressão na sua face, mas sabia que ponderava as hipóteses, tal como eu. Um de nós precisava de se mover e percebi que, se chegasse a um local onde a lua me iluminasse, Bill conseguiria ver com maior clareza se algo atacasse.

Estendi as mãos, agarrei a erva e puxei. Nem sequer conseguia ajoelhar-me e progredir àquela velocidade era o melhor que conseguia. Usei os pés para empurrar um pouco, apesar de até mesmo essa utilização dos meus músculos das costas ser excruciante. Não quis olhar Bill até conseguir chegar até ele porque não queria perder o ânimo ao contemplar a sua fúria. Era quase palpável.

— O que te fez isto, Sookie? — perguntou, com voz calma.

— Leva-me para o carro. Por favor, tira-me daqui — disse, esforçando-me por manter a dignidade. — Se fizermos muito barulho, ela poderá voltar. — Aquela possibilidade fez-me estremecer. — Leva-me ao Eric — disse, tentando estabilizar a voz. — Disse que isto era uma mensagem para Eric Northman.

Bill agachou-se a meu lado.

— Preciso de te erguer — disse-me.

Não. Tentei pronunciar a palavra.

— Tem de haver outra forma qualquer — mas não havia. Bill sabia que não havia tempo para hesitações. Antes que conseguisse antecipar a dor, enfiou um braço por baixo de mim e aplicou a outra mão sobre o meu ventre. Num instante, colocou-me sobre o ombro.

Gritei. Tentei não chorar para permitir a Bill ouvir a aproximação de um ataque, mas não tive grande sucesso. Bill começou a correr pela estrada, em direcção ao carro. O motor estava ligado, emitindo um ronco baixo e estável. Abriu uma porta de trás e tentou fazer-me entrar com delicadeza e rapidez para o banco traseiro do *Cadillac*. Era impossível não provocar ainda mais dor, mas tentou.

— Foi ela — disse, quando consegui falar de forma coerente. — Foi ela que fez parar o carro e me fez sair. — Mantinha a mente aberta à possibilidade de ter sido ela a provocar também a discussão.

— Falaremos sobre isso daqui a pouco — disse. Acelerou em direção a Shreveport à velocidade mais elevada possível, enquanto eu cravava as unhas nos estofos, tentando controlar-me.

A única coisa que consigo recordar da viagem foi que durou pelo menos dois anos.

De alguma forma, Bill conseguiu levar-me até à porta traseira do *Fantasia* e pontapeou-a para chamar alguém.

— O que foi? — Pam soava hostil. Era uma bela vampira loura que encontrara um par de vezes. Sensata e com instintos empresariais consideráveis. — Bill. O que aconteceu? Está a sangrar. Que delícia.

— Chama o Eric — pediu Bill.

— Tem estado à espera — tornou, mas Bill passou por ela, levando-me sobre o ombro como se fosse um saco de carne. Estava tão zozna que não me teria importado se me transportasse para a pista de dança, mas, ao invés, entrou no gabinete de Eric carregado comigo e com a raiva.

— Isto aconteceu por tua culpa — rosou Bill. Gemi quando me sacudiu, como se chamasse a atenção de Eric para mim. Não percebo como poderia Eric olhar para outro lado qualquer, já que era uma mulher adulta e provavelmente a única presente no seu gabinete que sangrava.

Teria adorado desmaiar, perder os sentidos. Mas não aconteceu. Limitei-me a permanecer sobre o ombro do Bill, sentindo dores.

— Vai para o diabo — murmurei.

— O que foi, querida?

— Vai para o DIABO.

— Precisamos de a deitar de bruços — disse Eric. — Permite-me que... — Senti um segundo par de mãos segurar-me as pernas. Bill voltou-se por baixo de mim e, juntos, depositaram-me com cuidado no grande sofá que Eric acabara de comprar. Tinha aquele cheiro a novo e era feito de cabedal. Olhando-o à distância de um centímetro, senti-me grata por não ter optado por um revestimento de tecido. — Pam, chama a médica. — Ouvi passos deixarem o gabinete e Eric baixou-se para me olhar a cara. Precisou de se baixar de forma considerável porque, como era alto e largo, parecia precisamente o que era: um antigo víquingue. — Que te aconteceu? — perguntou.

Olhei-o, tão irritada que mal consegui falar.

— Sou uma mensagem para ti — disse, quase num sussurro. — Uma mulher na floresta fez parar o carro do Bill e talvez nos tenha feito discutir. Depois, veio até mim com uma porca.

— Uma porca? — Eric não teria ficado mais surpreendido se tivesse dito que tinha um canário enfiado pelo nariz acima.

— Oinc, oinc. Uma porca selvagem. E disse que te queria enviar uma mensagem. Virei-me a tempo de evitar que me acertasse na cara, mas acertou-me nas costas. Depois partiu.

— A tua cara. Ter-te-ia atingido na cara — disse Bill. Vi-lhe os punhos cerrados junto às coxas e as suas costas quando começou a andar de um lado para o outro no gabinete. — Eric, os cortes não são profundos. Qual é o problema?

— Sookie — disse Eric, com delicadeza —, que aspecto tinha essa mulher?

Ele tinha a cara próxima da minha e o seu cabelo dourado quase me tocava a cara.

— Parecia doida. Era esse o aspecto que tinha. E chamou-te Eric Northman.

— É o apelido que uso para lidar com humanos — explicou. — Parecendo doida... que aspecto tinha ao certo?

— Tinha a roupa esfarrapada e sangue à volta da boca e nos dentes, como se tivesse comido alguma coisa crua. Trazia uma espécie de varinha com algo na ponta. Cabelo comprido e emaranhado... Por falar em cabelo, o meu está a colar-se às costas — exclamei.

— Bem vejo. — Eric começou a tentar afastar o cabelo longo dos ferimentos, nos pontos em que o sangue coagulava e ficava como cola.

Pam entrou nesse momento, acompanhada pela médica. Se esperava que Eric se tivesse referido a uma médica comum, com estetoscópio e pauzinho para espalmar a língua, voltei a desiludir-me. Aquela médica era uma anã, que mal precisou de se debruçar para me olhar os olhos. Bill mantinha-se de pé, vibrando com a tensão enquanto a pequena mulher me examinava os ferimentos. Vestia calças brancas e uma bata, tal como os médicos do hospital. Ou melhor, tal como os médicos costumavam usar antes de optarem pelo verde, azul ou pela estampa lunática que lhes passasse pela cabeça. O nariz ocupava grande parte da cara e tinha pele morena. O cabelo era castanho com reflexos brilhantes, incrivelmente espesso e ondulado. Trazia-o

bastante curto. Fez-me pensar num *hobbit*². Talvez fosse um *hobbit*. A minha compreensão da realidade fora submetida a inúmeros abalos ao longo dos meses anteriores.

— Que tipo de médica é? — perguntei, depois de levar algum tempo a ordenar pensamentos.

— O tipo que cura — respondeu, com uma voz surpreendentemente grave. — Foste envenenada.

— É por isso que não paro de pensar que vou morrer — murmurei.

— E vais. Em breve — disse.

— Obrigada, doutora. Que pode fazer a esse respeito?

— Não temos muitas escolhas. Foste envenenada. Já ouviste falar em dragões-de-komodo? Têm a boca cheia de bactérias. Os ferimentos provocados por uma ménade possuem idêntico nível de toxicidade. Quando um dragão morde alguém, segue a presa durante horas, esperando que as bactérias lhe provoquem a morte. Para as ménades, a morte adiada torna tudo mais divertido. Para os dragões-de-komodo, quem sabe?

Fiquei-lhe muito grata pelo momento *National Geographic*.

— Que pode fazer? — perguntei, cerrando os dentes.

— Posso tratar a parte exterior dos ferimentos. Mas a corrente sanguínea foi contaminada e o teu sangue precisará de ser removido e substituído. Isso será trabalho para os vampiros. — A doutora parecia positivamente encantada pela possibilidade de trabalho em conjunto. Em mim.

Voltou-se para os vampiros reunidos.

— Se for apenas um de vós a retirar o sangue envenenado, sentir-se-á muito mal. É o elemento de magia transmitido pelas ménades. A dentada do dragão-de-komodo não vos colocaria qualquer problema. — Riu-se, com convicção.

Odiei-a. Lágrimas de dor desceram-me pela face.

— Assim — continuou —, quando terminar o tratamento inicial, cada um de vós retirará apenas uma parte. Depois, faremos uma transfusão.

— De sangue humano — disse eu, querendo deixar aquilo perfeitamente claro. Tivera de ingerir o sangue de Bill numa ocasião para sobreviver a ferimentos graves e noutra para passar numa espécie de exame, ingerindo também o sangue de outro vampiro por acidente, por mais improvável que isso soe. Conseguira perceber

² Um *hobbit* é um personagem que habita algumas obras do escritor J.R.R. Tolkien.

mudanças depois disso, mudanças que não pretendia ampliar com nova dose. O sangue de vampiro passara a ser a droga de eleição entre os privilegiados e, no que me dizia respeito, poderiam ficar com ela.

— Se o Eric conseguir puxar os cordelinhos e conseguir o sangue humano — disse a anã. — Metade do sangue transferido poderá ser sintético. Sou a Dra. Ludwig, já agora.

— Conseguirei o sangue. E devemos-lhe a cura — ouvi Eric dizer, para meu alívio. Teria dado muito para ver a face de Bill naquele momento. — Qual é o teu tipo, Sookie? — perguntou-me.

— O positivo — respondi, grata por o meu sangue ser tão comum.

— Não deverá ser difícil — disse Eric. — Podes ocupar-te disso, Pam?

Mais movimento no gabinete. A Dra. Ludwig debruçou-se e começou a lambe-me as costas. Guinchei.

— É médica, Sookie — explicou Bill. — Vai curar-te desta forma.

— Mas ficará envenenada — disse, tentando encontrar uma objecção que não revelasse preconceitos acerca da orientação sexual e da altura. Na verdade, não queria que ninguém me lambesse as costas. Fosse uma mulher anã ou um vampiro alto.

— Ela é a curandeira — disse Eric, num tom pragmático. — Terás de aceitar o seu tratamento.

— Muito bem — disse, nem sequer me preocupando com a entoação amuada nas minhas palavras. — Já agora, ainda não te ouvi um pedido de desculpa. — O meu desagrado sobrepôs-se ao instinto de sobrevivência.

— Peço desculpa por a ménade ter implicado contigo.

Olhei-o.

— Não chega — disse. Esforçava-me por seguir a conversa.

— Angelical Sookie, visão de amor e beleza, sinto-me destroçado por saber que a terrível e malvada ménade violou a integridade do teu corpo suave e voluptuoso como forma de me transmitir uma mensagem.

— Assim é melhor. — As palavras de Eric ter-me-iam agradado mais sem as dores que sentia. (O tratamento da médica não era exactamente confortável.) Os pedidos de desculpa precisam de ser sentidos ou elaborados e, porque Eric era incapaz de sentimento (ou, pelo menos, ainda não percebera que fosse), poderia distrair-me com as suas palavras.

— Presumo que a mensagem seja uma declaração de guerra, não? — perguntei, tentando ignorar as acções da Dra. Ludwig. Suava por todos os lados. A dor nas costas era insuportável. Sentia as lágrimas deslizarem pela face.

O gabinete parecia coberto por uma neblina amarelada. Tudo me parecia agonizante.

Eric pareceu surpreso.

— Não exactamente — respondeu, com cautela. — Pam?

— Vem a caminho — disse. — Isto não é bom.

— Comecem — disse Bill, com voz urgente. — Está a mudar de cor.

Pensei, quase de forma alheada, na cor que adquiriria. Já não conseguia erguer a cabeça acima do sofá, como tentara fazer antes para parecer um pouco mais desperta. Pousei a bochecha sobre o cabedal e, de imediato, o suor colou-me a pele. A sensação de ardor que se prolongava por todo o corpo, partindo das marcas deixadas pelas garras nas costas tornava-se mais intensa e gritei porque ninguém conseguia fazer nada para o evitar. A anã saltou do sofá e baixou-se para me examinar os olhos.

Abanou a cabeça.

— Sim, enquanto resta alguma esperança — disse, mas pareceu-me muito distante. Tinha uma seringa na mão. A última coisa que recordei foi a cara de Eric aproximando-se. E pareceu-me que me piscou o olho.



3

Abri os olhos com grande relutância. Senti-me como se tivesse dormido no banco de um carro ou como se tivesse passado pelas brasas numa cadeira de costas direitas. Teria certamente adormecido nalgum sítio pouco apropriado e desconfortável. Sentia-me grogue e com dores por todo o corpo. Pam estava sentada no chão a um metro de distância, fixando em mim os grandes olhos azuis.

— Resultou — disse. — A Dra. Ludwig estava certa.

— Ótimo.

— Teria sido uma pena perder-te antes de termos uma oportunidade para te dar bom uso — disse, com pragmatismo chocante. — Há muitos outros humanos a nós associados com os quais a ménade poderia ter implicado. E esses humanos são muito mais dispensáveis.

— Obrigada pela simpatia e compreensão, Pam — murmurei. Sentia-me particularmente mal, como se tivesse sido mergulhada numa tina de suor e rebolada pelo chão. Até os dentes me pareciam sujos.

— De nada — disse, quase com um sorriso. Afinal, Pam tinha sentido de humor, algo que não era habitualmente referido como uma das qualidades dos vampiros. Nunca se vira um comediante vampiro e as piadas humanas deixavam os vampiros indiferentes. Ha-ha. (Mas algum do humor deles podia dar-nos pesadelos durante uma semana.)

— O que aconteceu?

Pam entrelaçou os dedos sobre o joelho.

— Fizemos o que instruiu a Dra. Ludwig. Bill, Eric, Chow e eu alternámos esforços. E, quando estavas quase seca, iniciámos a transfusão.

Pensei no assunto por um minuto, grata por ter perdido os sentidos antes de começarem o processo. Bill bebia sempre algum sangue quando fazíamos amor e passara a associá-lo ao culminar do erotismo. Fazer uma «doação» a tanta gente teria sido extremamente embaraçoso se estivesse desperta.

— Quem é o Chow? — perguntei.

— Vê se consegues sentar-te — disse Pam. — Chow é o nosso novo empregado de bar. É muito apelativo.

— Ah sim?

— Tatuagens — disse Pam, parecendo quase humana por um momento. — É alto para um asiático e tem um encantador... conjunto de tatuagens.

Tentei parecer interessada. Ergui-me, sentindo uma certa fragilidade que me deixava muito cautelosa. Era como se as minhas costas estivessem cobertas com ferimentos acabados de sarar. Ferimentos que poderiam abrir novamente se não tivesse cuidado. E Pam explicou-me que era precisamente esse o caso.

Além disso, não tinha blusa. Ou qualquer outra coisa acima da cintura. Abaixo, as calças estavam intactas, mas tinham péssimo aspecto.

— A tua blusa estava tão esfarrapada que precisámos de a retirar — disse Pam, esboçando um amplo sorriso. — Amparámos-te no colo à vez. Foste muito admirada. Bill ficou furioso.

— Vai para o diabo — foi tudo o que me ocorreu dizer.

— Quanto a isso, quem poderá saber? — Pam encolheu os ombros. — Queria apenas elogiar-te. Serás certamente uma mulher recatada. — Ergueu-se e abriu um armário. Havia camisas penduradas no interior. Um guarda-roupa extra para Eric, presumi. Pam retirou uma camisa de um cabide e lançou-ma. Estendi a mão para a apanhar e vi-me forçada a admitir que o movimento era relativamente fácil.

— Há um chuveiro aqui, Pam? — Odiava ter de vestir a camisa branca imaculada sobre o corpo sujo.

— Sim. No armazém. Junto à casa de banho dos empregados.

Era muito básico, mas permitiu um duche com sabonete e toalha. Era necessário sair para o armazém, o que deixaria os vampiros

indiferentes, já que o recato não lhes diz grande coisa. Quando Pam concordou em vigiar a porta, recorri à sua ajuda para despir as calças e para descalçar os sapatos e as meias. Apreciei demasiado o processo.

Foi o melhor duche da minha vida.

Tive de me mover lentamente e com cuidado. Descobri que estava fraca como se tivesse recuperado de uma doença grave, como uma pneumonia ou uma gripe forte. E presumo que tenha sido algo semelhante. Pam abriu a porta para me passar roupa interior, o que constituiu uma surpresa agradável, pelo menos até me secar e tentar enfiar-me dentro dela. As cuecas eram tão pequenas e rendadas que quase não mereciam o nome. Pelo menos, eram brancas. Soube que estava melhor quando dei por mim a desejar poder ver o aspecto que tinha num espelho. As cuecas e a camisa branca eram a única roupa que suportava vestir. Saí, descalça, vendo que Pam enrolara as calças e o resto, colocando tudo dentro de um saco de plástico para que pudesse levar a roupa para casa e lavá-la. A minha pele parecia muito morena por contraste com o branco da camisa. Caminhei lentamente de volta ao gabinete de Eric e procurei uma escova na bolsa. Enquanto tentava desemaranhar o cabelo, Bill entrou e tirou-me a escova da mão.

— Permite-me que o faça, querida — disse. — Como estás? Despe a camisa para podermos ver-te as costas. — Obedeci, esperando ansiosamente que não existissem câmaras de vigilância no gabinete, podendo, pelo menos, descontraír pela ausência de Pam.

— Que tal parece? — perguntei, olhando por cima do ombro.

— Deixará marcas — considerou Bill.

— Já esperava que sim. — Antes nas costas do que à frente. E ficar com cicatrizes era melhor do que morrer.

Tornei a vestir a camisa e Bill começou a escovar-me o cabelo, algo que gostava de fazer. Cansei-me rapidamente e sentei-me na cadeira de Eric enquanto Bill se erguia atrás de mim.

— Porque me atacou a ménade?

— Estaria à espera do primeiro vampiro que passasse. O facto de te ter comigo, alguém muito mais fácil de ferir, foi um bónus.

— Foi ela que provocou a discussão.

— Não. Penso que se limitou a acontecer. Mas continuo sem compreender porque te sentiste tão irritada.

— Estou demasiado cansada para explicar, Bill. Falamos sobre isso amanhã, pode ser?

Eric entrou com um vampiro que soube ser Chow. Percebi de imediato porque Chow atrairia clientes. Era o primeiro vampiro oriental que via e era muito bonito. Além disso, estava coberto (pelo menos nas partes que conseguia ver) com as tatuagens complexas que ouvira algures serem as preferidas dos membros da Yakuza³. Tivesse Chow sido um criminoso enquanto humano ou não, era certamente sinistro como vampiro. Pam entrou pouco depois, dizendo:

— Tudo fechado. A Dra. Ludwig também partiu.

O *Fangtasia* estaria encerrado. Deveriam ser duas da manhã. Bill continuou a escovar-me o cabelo e permaneci sentada na cadeira com as mãos sobre as coxas, bastante consciente do meu vestuário pouco apropriado. Apesar de, pensando no assunto, Eric ser tão alto que a sua camisa cobria tanto de mim como algumas das minhas roupas curtas. Acho que eram as cuecas de corte francês por baixo que me provocavam embaraço. E a ausência de sutiã. Deus fora generoso comigo nesse departamento e era fácil de perceber quando não vestia sutiã.

Não importava que as minhas roupas mostrassem mais de mim do que o desejável. Não importava que toda aquela gente tivesse visto melhor as minhas mamas do que poderiam apreciar naquele momento. Teria de manter a compostura.

— Obrigada a todos por me salvarem a vida — disse. Não consegui parecer calorosa, mas esperei que percebessem que era sincera.

— Foi um verdadeiro prazer — disse Chow, com uma entoação maliciosa inconfundível. Tinha um sotaque residual, mas não tenho experiência suficiente com as diferentes etnias asiáticas para dizer de onde viera originalmente. E duvidava que «Chow» fosse o seu nome completo, mas era o que lhe chamavam os outros vampiros. — Teria sido perfeito sem o veneno.

Sentia que Bill ficava tenso atrás de mim. Pousou-me as mãos nos ombros e ergui os dedos até aos seus.

Eric disse:

— Valeu a pena o incómodo de ingerir veneno. — Levou os dedos aos lábios e beijou-os, como se elogiasse o aroma do meu sangue. Ai.

Pam sorriu.

— Sempre às ordens, Sookie.

Fantástico.

— Também te agradeço a ti, Bill — disse, inclinando a cabeça para trás.

³ Máfia japonesa.

— Não tens de quê — disse, esforçando-se por controlar a raiva.
— Discutiram antes do encontro com a ménade? — perguntou Eric. — Foi isso que disse a Sookie?

— É assunto nosso — ripostei. Os três vampiros trocaram sorrisos. Não me agradou nada. — A propósito, porque querias que viéssemos esta noite? — perguntei, esperando conseguir afastá-lo do assunto anterior.

— Recordas a promessa que me fizeste, Sookie? Que usarias os teus dotes mentais para me ajudar, desde que poupasse a vida dos humanos envolvidos?

— Claro que recordo. — Não sou pessoa para esquecer uma promessa. Sobretudo uma promessa feita a um vampiro.

— Desde que o Bill foi nomeado investigador da Área 5, não temos tido muitos mistérios. Mas a Área 6, no Texas, necessita do teu dom especial. Por isso, emprestámos-te.

Percebi que fora alugada. Como uma serra eléctrica ou uma retroescavadora. Pensei se os vampiros de Dallas teriam pago depósito.

— Não vou sem o Bill. — Fitei Eric com firmeza. Os dedos de Bill apertaram-me ligeiramente e soube que tinha dito o que devia.

— Estará presente. Foi uma negociação dura — explicou Eric, com um grande sorriso. O efeito foi francamente perturbador porque algo o entusiasmava e tinha os caninos expostos. — Receámos que ficassem contigo ou que te matassem. Por isso, sempre fez parte dos nossos planos fazer-te acompanhar por alguém. E quem seria melhor para a tarefa do que Bill? Se alguma coisa incapacitar Bill de te vigiar, enviaremos outro acompanhante de imediato. Os vampiros de Dallas concordaram em providenciar um carro com motorista, alojamento e refeições. Além de um pagamento substancial, claro. Bill receberá uma percentagem.

E seria eu a fazer o trabalho?

— Terás de estabelecer um acordo financeiro com o Bill — disse Eric, calmamente. — Estou certo de que te compensará pelo tempo que passarás afastada do teu emprego no bar.

A coluna da Ann Landers alguma vez teria abordado o tema: «Quando o Namorado se Torna o Patrão»?

— Porquê uma ménade? — perguntei, surpreendendo-os a todos. Esperei ter pronunciado a palavra da forma correcta. — As náiades são da água e as dríades das árvores, não é? Porquê uma ménade no meio da floresta? Não eram apenas mulheres enlouquecidas pelo deus Baco?

— Sookie, és mais profunda do que aparentas — disse Eric, após uma pausa considerável. Não lhe disse que aprendera aquilo com a leitura de um policial. Ele que pensasse que lia literatura da Grécia Clássica na língua original. Não lhe faria mal algum.

Chow disse:

— O deus entrou em algumas dessas mulheres de forma tão completa que se tornaram imortais ou algo de muito próximo. Baco era o deus do vinho e os bares são muito interessantes para as ménades. Tão interessantes que não lhes agrada que outras criaturas das trevas se envolvam no negócio. As ménades consideram que a violência desencadeada pelo consumo de álcool lhes pertence. É disso que se alimentam, agora que ninguém venera formalmente o seu deus. E são atraídas pelo orgulho.

Aquilo despertou-me a atenção. Tínhamos, o Bill e eu, sentido o orgulho em alta naquela noite.

— Ouvimos apenas rumores de que havia uma na região — disse Eric. — Até o Bill te trazer.

— Então qual foi o aviso que te fez? Que quer ela?

— Tributo — respondeu Pam. — Achamos que seja isso.

— Que tipo de tributo?

Pam encolheu os ombros. Parecia-me que seria aquela a única resposta que obteria.

— Ou então? — perguntei. Novamente os olhares. Suspirei, exasperada. — Que fará se não lhe pagarem o tributo?

— Enviará a sua loucura. — Bill pareceu preocupado.

— Para o bar? Para o *Merlotte's*? — Apesar de existirem vários bares na região.

Os vampiros trocaram olhares.

— Ou para dentro de um de nós — disse Chow. — Já aconteceu. O massacre do Dia das Bruxas de 1876 em São Petersburgo.

Acenaram todos com a cabeça de forma solene.

— Eu estava presente — confessou Eric. — Foram precisos vinte de nós para tratar da limpeza. E tivemos de cravar uma estaca em Gregory. O que exigiu a colaboração de todos. A ménade, Phryne, recebeu tributo depois disso. Podem ficar certos.

Para os vampiros cravarem uma estaca num dos seus, as coisas teriam de ser muito sérias. Eric cravara uma estaca num vampiro que o roubara e Bill contou-me que teve de pagar uma multa severa. Não disse a quem e não perguntei. Preferia viver sem saber algumas coisas.

— Então pagarão tributo a esta ménade?

Percebi que trocavam pensamentos sobre o assunto.

— Sim — disse Eric. — É melhor que o façamos.

— Suponho que as ménades sejam difíceis de matar — disse Bill, conferindo à frase um tom interrogativo.

Eric estremeceu.

— Sim — disse. — Muito.

Permanecemos em silêncio no regresso a Bon Temps. Tinha muitas questões a esclarecer sobre a noite passada, mas sentia-me esgotada.

— O Sam deveria ser informado disto — disse, quando parámos junto à minha casa.

Bill contornou o carro para me abrir a porta.

— Porquê, Sookie? — Pegou-me na mão e ajudou-me a sair, sabendo que mal conseguia andar.

— Porque... — e calei-me. Bill sabia que Sam era sobrenatural, mas não queria ter de lho recordar. Sam era proprietário de um bar e estávamos mais próximos de Bon Temps do que de Shreveport quando a ménade interferiu.

— É dono de um bar, mas não deverá correr perigo — disse Bill, percebendo onde queria chegar. — Além disso, a mensagem da ménade era para o Eric. — Era verdade. — Pensas demasiado nesse Sam para o meu gosto — disse Bill, fazendo-me olhá-lo de boca aberta.

— Estás com ciúmes? — Bill não conseguia esconder o seu desagrado quando outros vampiros me admiravam, mas presumi que fosse apenas por marcação de território. Não sabia como me sentir acerca daquele novo desenvolvimento. Nunca antes tivera alguém que sentisse ciúmes de quem me dava atenção.

Bill não respondeu, de uma forma muito sacana.

— Hmm... — disse, pensativa. — Vejam só. — Sorria enquanto Bill me ajudava a subir os degraus e a percorrer a velha casa até ao meu quarto, onde a minha avó dormira durante tantos anos. Agora, as paredes estavam pintadas de amarelo pálido e as madeiras cobriam-se com um branco sujo, a mesma cor que servia de fundo às cortinas floridas. A coberta da cama também tinha cor a condizer.

Dirigi-me à casa de banho por um momento para escovar os dentes e para tratar de outras necessidades. Saí, ainda vestida com a camisa de Eric.

— Despe-a — pediu Bill.

— Olha, Bill. Normalmente, ficaria feliz da vida, mas esta noite...

— Odeio ver-te com a camisa dele.

Ora, ora, ora. Poderia habituar-me àquilo. Por outro lado, se atingisse extremos, facilmente se tornaria um incómodo.

— Muito bem — disse, com um suspiro que ele conseguiria ouvir a metros de distância. — Suponho que terei de despir esta velha camisa. — Desabotoei-a devagar, sabendo que os olhos de Bill me seguiam as mãos enquanto estas percorriam os botões, abrindo um pouco mais a camisa com cada um. Por fim, liberei-me dela e ergui-me, vestida com a roupa interior branca de Pam.

— Oh — suspirou Bill. E foi homenagem suficiente. Para o diabo com as ménades. Ver a expressão de Bill era suficiente para me fazer sentir uma deusa.

Talvez devesse ir à loja de lingerie *Foxy Femme* em Ruston na minha folga seguinte. Ou talvez a loja de roupa recém-comprada de Bill vendesse lingerie.

Explicar a Sam que precisava de ir a Dallas não foi fácil. Fora maravilhoso comigo quando perdi a minha avó e considerava-o um bom amigo, um grande patrão e (ocasionalmente), uma fantasia sexual. Disse-lhe apenas que ia tirar férias. Deus sabe que nunca tinha pedido tal coisa antes. Mas ele percebeu o que se passava. Não lhe agradou. Os seus olhos azuis brilhantes pareciam inflamados e a expressão era severa. Até o cabelo de um louro arruivado parecia crepitar. Apesar de quase precisar de uma mordalha para não o dizer, era óbvio que Sam achava que Bill não deveria ter concordado com a minha ida. Mas não conhecia as minúcias das minhas relações com os vampiros, da mesma forma que Bill, entre os vampiros que conhecia, era o único que sabia que Sam era um metamorfo. E tentei não lhe recordar isso. Não queria que Bill pensasse ainda mais em Sam do que já pensava. Poderia decidir que Sam era um inimigo e, decididamente, não queria que o fizesse. Bill seria um inimigo muito desagradável.

Sou boa a guardar segredos e a manter uma expressão neutra, depois de anos a captar pensamentos indesejados na cabeça das pessoas. Mas tenho de confessar que manter Bill e Sam afastados exigia muita energia.

Sam recostou-se na cadeira e concordou em dar-me o tempo de que precisava, com a compleição magra escondida por uma grande camisola azul do *Merlotte's Bar*. As calças de ganga eram velhas, mas estavam lim-

pas e as botas tinham sola pesada e muitos anos de estrada. Sentava-me na ponta da cadeira dos visitantes à frente da sua secretária, com a porta do gabinete fechada atrás de mim. Sabia que ninguém poderia escutar do outro lado. Afinal, o bar estava tão barulhento como era costume, com a *jukebox* entoando uma música zydeco⁴ e os gritos dos clientes com copos a mais. Mas, mesmo assim, quando se falava de algo como a ménade, seria ajuizado baixar a voz e debrucei-me sobre a secretária.

Sam imitou de imediato a minha postura e pus-lhe a mão sobre o braço, sussurrando:

— Sam, há uma ménade junto à estrada para Shreveport. — Não houve qualquer emoção na sua face antes de irromper em gargalhadas.

Sam não conseguiu dominar as gargalhadas durante pelo menos três minutos e, durante esse tempo, enfureci-me.

— Desculpa — disse, uma e outra vez, antes de recomeçar a rir. Percebem como isto pode ser irritante quando fomos nós o motivo? Contornou a secretária, tentando ainda conter as gargalhadas. Pus-me de pé, imitando-o, mas estava fula. Segurou-me os ombros. — Desculpa, Sookie — repetiu. — Nunca vi uma, mas ouvi dizer que são terríveis. Que te importa isso? Que te importa essa ménade?

— Importa-me porque não está feliz, como saberias se visses as cicatrizes que tenho nas costas — ripostei, vendo como a sua expressão se alterava de imediato.

— Foste ferida? Como aconteceu?

Contei-lhe, tentando contornar alguns dos pormenores dramáticos e aligeirando o processo de cura aplicado pelos vampiros de Shreveport. Quis ver as cicatrizes. Voltei-me e ele ergueu a camisola, não passando acima do sutiã. Não lhe ouvi qualquer som, mas senti um toque nas costas e, após um segundo percebi que Sam me beijara a pele. Baixou a camisola, cobrindo as cicatrizes e virei-me novamente para ele.

— Lamento muito — disse, com sinceridade plena. Já não ria. Nem sequer estava perto de o fazer. Estava incrivelmente próximo. Quase conseguia sentir o calor irradiado pela sua pele, a electricidade estática que lhe erguia os pêlos finos dos braços.

Inspirei fundo.

— Receio que volte as suas atenções para ti — expliquei. — Que querem as ménades como tributo, Sam?

⁴ Tipo de música popular norte-americana do princípio do século XX, que teve origem na população francesa.

— A minha mãe costumava dizer ao meu pai que adoravam um homem orgulhoso — disse e, por um momento, achei que continuasse a gracejar. Mas olhei-lhe a cara e vi que não. — As ménades deleitam-se quando podem despedaçar o orgulho de um homem orgulhoso. Literalmente.

— Blhec — exclamei. — Há mais alguma coisa que as satisfaça?

— Animais de grande porte. Ursos, tigres e por aí fora.

— Será difícil achar um tigre no Louisiana. Talvez possa encontrar-se um urso, mas como se conseguirá levá-lo até ao território da ménade? — Pensei no assunto por um momento, mas não consegui chegar a qualquer conclusão. — Presumo que o quisesse vivo — disse, num tom vagamente interrogativo.

Sam, que parecera admirar-me em vez de pensar no problema, acenou afirmativamente. A seguir, inclinou-se e beijou-me.

Devia ter estado preparada.

Era tão quente, depois do Bill, cujo corpo nunca chegava sequer ao morno. Talvez conseguisse ser tépido. Os lábios de Sam estavam quentes. E a sua língua também. O beijo foi profundo, intenso, inesperado. Como a excitação que se sente quando alguém nos dá um presente que não sabíamos desejar. Os seus braços rodeavam-me, os meus rodeavam-no e dávamos tudo um ao outro, até voltar à terra.

Afastei-me um pouco e ele afastou lentamente a cabeça da minha.

— Preciso realmente de sair da cidade por algum tempo — disse.

— Desculpa, Sookie, mas há anos que desejo fazer isto.

Havia muitas direcções em que poderia seguir depois daquela afirmação, mas apliquei a determinação e segui pelo caminho certo.

— Sam, sabes que estou...

— Apaixonada pelo Bill — concluiu a minha frase.

Não estava absolutamente segura de estar apaixonada por Bill, mas amava-o e comprometera-me com ele. Para simplificar a questão, acenei afirmativamente.

Não conseguia ler os pensamentos de Sam com clareza por ser uma criatura sobrenatural. Mas teria sido uma imbecil, uma nulidade telepática, se não conseguisse sentir as ondas de frustração e desejo que dele emanavam.

— O que tentava dizer — disse, após um minuto em que nos afastámos um do outro — é que esta ménade tem um interesse especial em bares e este bar é gerido por alguém que não é exactamente um

humano comum. Tal como o bar do Eric em Shreveport. É melhor teres cuidado.

Sam pareceu sentir-se encorajado pelo meu aviso, parecendo sentir esperanças renovadas.

— Obrigado por me avisares, Sookie. Da próxima vez que me transformar, terei cuidado no bosque.

Nem sequer pensara na possibilidade de Sam encontrar a ménade nas suas aventuras sobre quatro patas e tive de me sentar subitamente quando o imaginei.

— Não — afirmei, determinada. — Não te transformes de todo.

— Há lua cheia dentro de quatro dias — explicou Sam, depois de olhar o calendário. — Terei de o fazer. Já pedi ao Terry para me substituir nessa noite.

— Que lhe dizes?

— Digo-lhe que tenho um encontro. Não olha para o calendário para perceber que só lhe peço para me substituir em noites de lua cheia.

— Ainda bem. A polícia voltou para investigar a morte de Lafayette?

— Não. — Sam abanou a cabeça. — E contratei um amigo dele. O Khan.

— Como em Shere Khan?

— Como em Chaka Khan⁵.

— Está bem. Mas sabe cozinhar?

— Foi despedido do *Shrimp Boat*.

— Porquê?

— Pelos vistos, por temperamento artístico. — O tom de voz de Sam era seco.

— Não precisará dele por aqui — referi, com a mão sobre a maçaneta da porta. Agradava-me que tivéssemos uma conversa, para acalmar a tensão e a surpresa da situação anterior. Nunca nos tínhamos aproximado tanto no local de trabalho. Aliás, apenas nos beijáramos uma vez, quando Sam me levou a casa depois do nosso único encontro, meses antes. Era o meu patrão e começar algo com o patrão era sempre má ideia. Começar algo com o patrão quando se namora com um vampiro é outra ideia péssima e possivelmente fatal. Sam precisava de encontrar uma mulher. Rapidamente.

Quando me sinto nervosa, sorrio. Parecia extasiada quando lhe disse:

⁵ Respectivamente, cantor e cantora norte-americanos.

— De volta ao trabalho. — Saí e fechei a porta atrás de mim. Sentia um turbilhão emocional pelo que acontecera no gabinete, mas afastei-o e preparei-me para servir bebidas.

Não havia nada de invulgar na clientela daquela noite no *Merlotte's*. Hoyt Fortenberry, o amigo do meu irmão, bebia com alguns companheiros. Kevin Prior, que estava mais acostumada a ver fardado, sentava-se com Hoyt, mas parecia não ter uma noite feliz. Ao invés, era como se preferisse estar no carro-patrolha com a parceira, Kenya. O meu irmão, Jason, entrou com Liz Barrett, o seu enfeite de braço cada vez mais frequente. Liz mostrava-se sempre feliz por me ver, mas nunca tentava conquistar-me, o que lhe valia vários pontos na minha consideração. A minha avó teria ficado agradada por Jason sair tão frequentemente com Liz. Jason navegara pelo meio feminino durante anos até o meio se sentir farto dele. Afinal, Bon Temps e a região circundante tinham um número limitado de mulheres e Jason pescara nesse charco durante anos. Precisaria de deixar crescer o cardume.

Além disso, Liz parecia ignorar os pequenos desentendimentos de Jason com a justiça.

— Maninha! — disse, saudando-me. — Traz-nos dois cocktails Seven and Seven⁶, está bem?

— Com muito gosto — repliquei, sorrindo. Flutuando sobre uma onda de optimismo, ouvi os pensamentos de Liz por um momento. Esperava que Jason lhe fizesse a pergunta muito em breve. Quanto mais cedo melhor porque estava praticamente certa de estar grávida.

Felizmente, tinha anos de prática na camuflagem do que pensava. Trouxe-lhes as bebidas, escudando-me cuidadosamente de quaisquer pensamentos dispersos que pudesse captar e tentei pensar no que deveria fazer. É um dos piores lados da telepatia. As coisas que as pessoas pensam sem falar delas são coisas que as outras pessoas (como eu) preferiam não saber. Ou não deveriam saber. Ouvi segredos suficientes para uma vida inteira e acreditem quando digo que nenhum deles me beneficiou de qualquer forma.

Se Liz estava grávida, a última coisa de que precisava era de uma bebida, independentemente da identidade do pai.

Observei-a com cuidado e vi-a beber um pequeno gole do copo. Rodeou-o com a mão para o ocultar parcialmente da vista dos outros clientes. Conversou com Jason durante um minuto. Depois, Hoyt chamou-o e Jason fez girar o banco, voltando-se para o seu colega de

⁶ Mistura de uísque *Seagram's Seven Crown* com *7Up*. (N. do T.)

liceu. Liz olhou o copo, como se pretendesse bebê-lo de uma vez só. Passei-lhe um copo semelhante contendo apenas 7UP e levei a bebida alcoólica.

Os grandes olhos castanhos e redondos de Liz fitaram-me com espanto.

— Para ti não — disse, baixando a voz. A pele morena de Liz empalideceu tanto quanto poderia. — Tens bom-senso — acrescentei. Debatia-me para explicar porque intervieria quando era contra os meus princípios agir segundo o que aprendera por meios menos ortodoxos. — Tens bom-senso. Podes fazer o que está certo.

Jason voltou-se nesse momento e pediram-me para levar outro jarro a uma das mesas. Saindo de trás do balcão para atender o pedido, vi Portia Bellefleur atravessada na porta. Olhava em redor como se procurasse alguém. Para meu espanto, procurava-me a mim.

— Sookie, tens um minuto? — perguntou.

Conseguia contar pelos dedos de uma mão as conversas pessoais que tivera com Portia. Quase poderia contá-las com um único dedo. E não conseguia imaginar o que queria.

— Senta-te ali — disse-lhe, apontando uma mesa vazia na minha secção. — Vou ter contigo num minuto.

— Está bem. E talvez seja melhor pedir um copo de vinho. *Merlot*.

— Já to levo. — Enchi o copo com cuidado e coloquei-o sobre uma bandeja. Depois de conferir visualmente que todos os meus clientes pareciam satisfeitos, levei a bandeja até à mesa de Portia e sentei-me à sua frente, na ponta da cadeira, para comunicar a quem olhasse a minha prontidão para voltar ao trabalho.

— Em que posso ajudar-te? — Ergui a mão para verificar a firmeza do rabo-de-cavalo e sorri-lhe.

Parecia concentrada no seu copo de vinho. Voltou-o com os dedos, bebeu um gole, e posicionou-o no centro exacto da base.

— Tenho um favor a pedir-te — disse.

Que grande novidade. Considerando que nunca tivera uma conversa casual com Portia que durasse mais do que duas frases, era óbvio que precisava de alguma coisa.

— Deixa-me adivinhar. Foste enviada pelo teu irmão para me pedir que ouvisse os pensamentos dos clientes para obter informações sobre a orgia em que Lafayette participou. — Como se não o esperasse.

Portia pareceu envergonhada, mas a sua determinação era total.

— Nunca pediria se não estivesse em sarilhos sérios, Sookie.

— Nunca pediria porque não gosta de mim. Apesar de sempre ter sido simpática com ele! Mas, agora, já não faz mal pedir a minha ajuda porque precisa de mim.

A pele clara de Portia cobria-se com um rubor muito pouco apetitivo. Sabia que não era justo descarregar sobre ela os problemas que tinha com o irmão, mas, afinal, aceitara ser a mensageira. E todos sabemos o que se faz aos mensageiros. Pensá-lo recordou-me o meu papel de mensageira na noite anterior e questionei-me se deveria sentir-me afortunada.

— Não estive de acordo — murmurou. Feria-lhe o orgulho pedir um favor a uma empregada de bar. A uma Stackhouse. À ralé.

O meu «dom» não agradava a ninguém. Ninguém queria ser alvo dele. Mas todos desejavam que descobrisse algo para seu benefício, sem pensarem no que sentiria ao vasculhar os pensamentos (maioritariamente desagradáveis e irrelevantes) dos clientes do bar em busca de informação pertinente.

— Talvez tenhas esquecido que, há pouco tempo, o Andy prendeu o meu irmão por homicídio. — Era verdade que fora forçado a libertá-lo, mas, mesmo assim...

Se Portia ficasse mais vermelha, creio que irromperia em chamas.

— Esquece — disse, reunindo a sua dignidade. — Seja como for, não precisamos da ajuda de uma anormal como tu.

Conseguira irritá-la. Portia sempre se mostrara cortês, sem nunca ter sido calorosa.

— Ouve-me, Portia Bellefleur. Vou manter-me atenta. Não por ti ou pelo teu irmão, mas porque gostava do Lafayette. Era um amigo. E sempre me tratou melhor do que tu ou o Andy.

— Não gosto de ti.

— Não me interessa.

— Querida, há algum problema? — perguntou uma voz fria atrás de mim.

Bill. Abri a mente e senti o vazio tranquilizante atrás de mim. As outras cabeças zumbiam como um frasco cheio de abelhas, mas a de Bill era como um globo cheio de ar. Era maravilhoso. Portia ergueu-se de forma tão abrupta que quase derrubou a cadeira. Assustava-a estar tão perto de Bill, como se ele fosse uma serpente venenosa ou algo parecido.

— A Portia pedia-me um favor — disse, lentamente, percebendo pela primeira vez que o nosso trio atraía alguma atenção da clientela.

— Em troca dos muitos actos de simpatia com que os Bellefleur te presentearam? — perguntou Bill. Portia ficou furiosa. Voltou-se para sair do bar com passo apressado. Bill viu-a sair com uma expressão de satisfação invulgar.

— Agora tenho de descobrir o motivo disto — disse, inclinando-me para ele. Os seus braços rodearam-me e aproximaram-me. Era como ser mimada por uma árvore.

— Os vampiros de Dallas trataram de tudo — explicou. — Podes partir amanhã à noite?

— E tu?

— Posso viajar no meu caixão, se estiveres disposta a garantir que me descarregam no aeroporto. Depois, teremos uma noite para descobrir o que os vampiros de Dallas querem que façamos.

— Então terei de te levar ao aeroporto num carro funerário?

— Não, querida. Vais sozinha. Há um serviço de transportes que se ocupa desse assunto.

— Transporta vampiros durante o dia?

— Sim. Estão certificados.

Teria de pensar no assunto por um momento.

— Queres uma garrafa? O Sam tem algumas a aquecer.

— Sim, por favor. Gostaria de O positivo.

O meu tipo sanguíneo. Que encantador. Sorri-lhe. Não era o meu sorriso forçado habitual, mas um sorriso sentido. Senti-me tão afortunada por o ter na minha vida, por maiores que fossem os problemas que enfrentávamos enquanto casal. Não conseguia acreditar que beijara outro homem e esforcei-me por esquecer esse pensamento assim que me surgiu na mente.

Bill retribuiu o sorriso. Uma visão algo perturbadora, já que estava feliz por me ver.

— Quando podes sair? — perguntou, aproximando-se.

Olhei o relógio.

— Dentro de trinta minutos — prometi.

— Estarei à espera. — Sentou-se à mesa que Portia deixara vazia e trouxe-lhe o sangue *tout de suite*.

Kevin aproximou-se para falar com ele e acabou por se sentar à mesa. Apenas em dois momentos estive suficientemente perto para ouvir fragmentos da conversa. Conversavam sobre o tipo de crimes na nossa pequena cidade, sobre o preço da gasolina e sobre quem venceria as eleições para o cargo de xerife. Era tão normal! Senti-me encher de

orgulho. Quando Bill começara a vir ao *Merlotte's*, a atmosfera ficava carregada. Agora, as pessoas comportavam-se com naturalidade, falando com ele ou apenas acenando, mas sem lhe darem grande importância. Havia suficientes problemas jurídicos relacionados com os vampiros sem necessidade de acrescentar também problemas sociais.

Durante a viagem de regresso a casa nessa noite, Bill pareceu entusiasmado. Não consegui perceber porquê até compreender que a viagem a Dallas lhe agradava.

— Ansioso por partir? — perguntei, curiosa e não demasiado agradada pela sua súbita ânsia viajante.

— Viajei durante anos. Estes meses que passei em Bon Temps têm sido maravilhosos — disse, estendendo a mão para a minha. — Mas, naturalmente, gosto de visitar outros como eu e os vampiros de Shreveport têm demasiado poder sobre mim. Não consigo descontrair quando estou com eles.

— Os vampiros eram assim tão organizados antes de se assumirem? — Tentava não fazer perguntas sobre a sociedade vampírica porque nunca me sentia segura quanto à reacção de Bill, mas a curiosidade levou-me a melhor.

— Não da mesma forma — respondeu, evasivo. Soube que não seria a melhor resposta que poderia obter, mas aceitei-a, com um pequeno suspiro. O Sr. Mistério. Os vampiros continuavam a manter fronteiras claramente demarcadas. Nenhum médico podia examiná-los. Nenhum vampiro poderia ser forçado a prestar serviço nas forças armadas. Em troca destas concessões legais, os americanos exigiram que os vampiros que trabalhassem como médicos ou enfermeiras (e havia vários) pendurassem o estetoscópio porque os humanos se sentiam demasiado inseguros com um profissional de saúde que apreciasse beber sangue. Mesmo assim, tanto quanto os humanos sabiam, o vampirismo era uma reacção alérgica extrema a uma combinação de factores, incluindo o alho e a luz solar.

Apesar de ser humana (mesmo que fosse uma humana bizarra), sabia algo mais. Fora muito mais feliz quando acreditara que Bill sofria de uma doença classificável. Depois, descobrira que as criaturas que remetêramos ao reino do mito e da lenda tinham o desagradável hábito de provar a sua existência real. Como a ménade. Quem teria acreditado que uma antiga lenda grega passearia pela floresta do Norte do Louisiana?

Talvez existissem realmente fadas ao fundo do jardim, um verso que recordava de uma canção cantada pela minha avó enquanto pendurava roupa para secar.

— Sookie? — A voz de Bill parecia delicadamente persistente.

— O que foi?

— Pensavas com muita força em alguma coisa.

— Sim. Pensava no futuro — expliquei, vagamente. — E no voo. Tens de me explicar os procedimentos e a hora a que terei de estar no aeroporto. E quanto às roupas que devo levar?

Bill pensou naquilo enquanto chegávamos e soube que encararia os pedidos com seriedade. Era uma das muitas coisas boas nele.

— Antes de fazeres as malas — disse, com os olhos escuros solenes sob o arco das sobranceiras —, há outro assunto que precisamos de discutir.

— O quê? — Estava no quarto, olhando o armário aberto quando interiorizei as suas palavras.

— Técnicas de descontração.

Voltei-me para ele, com as mãos nas ancas.

— De que raio falas?

— Disto. — Ergueu-me no gesto clássico de Rhett Butler e, apesar de vestir calças e não um... roupão?... vestido?... longo e vermelho, Bill conseguiu fazer-me sentir tão bela e inesquecível como Scarlett O'Hara⁷. Não precisou de subir uma escadaria porque a cama estava muito próxima. Na maioria das noites, Bill demorava-se tanto que me achava capaz de começar a gritar até alcançarmos o momento da verdade, por assim dizer. Mas, naquela noite, excitado pela viagem próxima, a sua velocidade aumentou. Chegámos ao fundo do túnel juntos e, permanecendo deitados, saboreando a mansa exaustão que se seguia ao amor bem-sucedido, pensei no que achariam os vampiros de Dallas da nossa relação.

Só estivera em Dallas uma vez, numa excursão escolar ao parque de diversões *Six Flags* e não me divertira muito. Não escudara de forma adequada a mente dos pensamentos constantemente emitidos pelos outros cérebros e não estava preparada para a união repentina da minha melhor amiga, Marianne, com um colega chamado Dennis Engelbright. Não voltara a afastar-me de casa desde então.

⁷ Rhett Butler e Scarlett O'Hara são personagens do filme *E Tudo o Vento Levou*, interpretado por Clark Gable e Vivien Leigh.

Seria diferente, disse para mim própria. A minha deslocação fora solicitada pelos vampiros de Dallas. Dificilmente poderia ser mais aliciante. Precisavam de mim devido às minhas capacidades únicas. Devia concentrar-me em não chamar deficiência à minha particularidade. Aprendera a controlar a telepatia de forma que me permitisse, pelo menos, maior precisão e previsibilidade. E tinha o meu homem. Ninguém me abandonaria.

Mesmo assim, tive de admitir que, antes de adormecer, chorei algumas lágrimas pelas misérias da minha vida.